

Uma história de vida, solidariedade e redenção



UM SÓ NADA FAZ,
É O CONJUNTO
QUE OPERA.

Elos ligados por opção, não trançados.
Diferentes caminhos, um mesmo propósito.

HELIO ABREU FILHO

ESCRITOR ESPÍRITA • SANITARISTA

Sumário

Apresentação	6
Introdução	6
PARTE I — A Estrada e a Memória	7
Prelúdio — A Estrela Antes da Lembrança.....	7
Capítulo I — Duas Juventudes, Duas Formas de Poder	9
Capítulo II — A Flor e os Caminhos Abertos	14
Capítulo III — Os Que Ficaram e a Estrela do Caminho.....	25
Capítulo IV — O Velho, os Jovens e a Guerra que Chegava.....	33
Nota Histórica e Astronômica — As Estrelas com Rastro.....	44
PARTE II — O Reencontro e a Obra.....	46
Capítulo V — O Que Permanece Quando a Memória se Cala	46
Capítulo VI — Muito Tempo Depois.....	46
Capítulo VII — 1956: A Obra Foi Plantada	47
Capítulo VIII — Do Núcleo Mediúnico à Responsabilidade	48
Capítulo IX — Eu Chego sem Saber.....	49
Capítulo X — 1967: A Primeira Despedida	50
Capítulo XI — 1969: Quando a Palavra Veio de Fora	51
Capítulo XII — REDENÇÃO	52
Capítulo XIII — 1970: A Corrente.....	53
Capítulo XIV — O Amor que Não Amarra.....	56
Capítulo XV — Estrelinha Cintilante	57
Capítulo XVI — Até 1974: Sete Anos que Ainda Restavam.....	57
Capítulo XVII — Júlia e a Continuidade.....	58
Capítulo XVIII — 1975: Depois da Partida	59
Capítulo XIX — Hélio é Chamado pelo Nome.....	60
Capítulo XX — A Obra Entre Gerações	61
Capítulo XXI — 1998: A Missão se Torna Técnica	61
Capítulo XXII — Quando a Missão Encontra a Administração.....	63
PARTE III — O Serviço.....	64
Capítulo XXIII — 1999: Um Livro Ainda em Branco.....	64
Capítulo XXIV — A Orientação e a Resposta Institucional	64
Capítulo XXV — O Que se Tornou Serviço	65
Capítulo XXVI — O Que Ficou Preparado.....	66
Capítulo XXVII — Eu Não Precisava Ser Nelito.....	67
Capítulo XXVIII — Da Vivência ao Serviço	68
Capítulo XXIX — 2008: Entregar para que Outros Continuem.....	69
Convergência da Vivência ao Serviço	70
Capítulo XXX — Acordes Finais	70

A direção possível — O serviço que permanece.....	72
Referências Bibliográficas e Fontes Documentais	74

Apresentação

Este livro nasceu da tentativa de organizar lembranças, sonhos, desdobramentos, documentos, fatos históricos e experiências institucionais que, durante muito tempo, permaneceram separados. Não pretende demonstrar uma tese reencarnatória. Procura compreender uma trajetória.

A narrativa acompanha duas linhas. Uma delas é contada por mim, em primeira pessoa, porque diz respeito às experiências que reconheço como minhas, ainda que parte delas pertença ao campo da memória mediúnica. A outra acompanha Nelito — Leonel Timóteo Pereira — cuja trajetória é narrada a partir de tradição mediúnica, documentos da SERTE e reconstrução literária responsável.

Demétrius acompanha o caminho como interlocutor. Sua função não é substituir minha voz nem a de Nelito, mas aproximar a memória da História, assinalar limites, conferir datas, recusar atalhos e lembrar que uma correspondência de sentido não equivale a uma prova.

O fio que une estas páginas não é a procura de grandeza pessoal. É a pergunta sobre aquilo que uma experiência pode produzir quando deixa de servir apenas ao indivíduo. A estrada, a perseguição, o comércio, a liderança, a música, a estrela, a corrente e a palavra REDENÇÃO somente encontram sentido pleno quando convergem para o serviço.

Por isso, a SERTE não aparece aqui como confirmação de uma vida anterior. Aparece como lugar concreto em que capacidades, escolhas, afetos e responsabilidades puderam ser colocados à disposição de crianças, idosos, famílias, trabalhadores e comunidade.

Introdução

A leitura deste livro pede apenas uma distinção simples. Há fatos historicamente documentados; há documentos institucionais; há relatos mediúnicos; há memória autobiográfica; e há reconstrução literária utilizada para ligar cenas quando o conteúdo disponível permite apenas uma aproximação plausível.

Quando a História pode corrigir uma data, um lugar ou uma instituição, ela prevalece. Quando não há documentação para uma experiência pessoal, o texto não a transforma em fato. E quando um documento é mediúnico, sua autoria é apresentada como atribuída, sem convertê-lo em comprovação científica.

Na primeira parte, a História fornece margens para a narrativa situada na Espanha dos séculos XVIII e XIX: a Grande Prisão dos ciganos de 1749, o longo

período de encarceramento, as libertações até 1765 e a Guerra Peninsular iniciada em 1808. Os caminhos pessoais permanecem como memória e reconstrução.

Na segunda e terceira partes, a documentação cresce. A formação do Ranchinho, a trajetória da SERTE, as cartas, mensagens, planos, relatórios, fotografias e registros administrativos permitem que a narrativa passe progressivamente do território da lembrança para o da história institucional.

Dois cuidados orientam todo o percurso: não utilizar a História para provar a mediunidade e não utilizar a mediunidade para contradizer fatos que podem ser verificados.

O leitor encontrará, portanto, uma história de convergência. Não uma concorrência de versões, nem uma avaliação de pessoas. O que se procura é acompanhar como experiências diferentes podem adquirir sentido quando orientadas para uma mesma finalidade.

As Vozes da Narrativa

Eu — Hélio: narro em primeira pessoa aquilo que reconheço como memória, vivência ou interpretação pessoal.

Nelito: é narrado em terceira pessoa, salvo quando um documento escrito em vida ou uma mensagem mediúnica atribuída a ele é reproduzida com seu estatuto explicitado.

Demétrius: apresenta, introduz, conecta e verifica. É a voz de acompanhamento crítico-metodológico e literário.

PARTE I — A Estrada e a Memória

Prelúdio — A Estrela Antes da Lembrança

Durante muitos anos olhei aquela estrela sem perguntar por que ela me comovia.

Estava ligada à SERTE, à sua história, à sua simbologia e ao sentido de orientação que aprendemos a reconhecer nela. Havia também a música. Nas quintas-feiras, quando Nelito conduzia os trabalhos mediúnicos, “Estrelinha Cintilante” passou a integrar a abertura daqueles encontros.

Eu conhecia a estrela daquele tempo. Conhecia também aquela música.

O que eu não conhecia era a sensação que ambas despertavam.

Não era lembrança como quem recorda uma rua, um rosto ou uma data. Era alguma coisa mais funda e mais difícil de nomear. A estrela parecia anterior à estrela. E a música parecia encontrar dentro de mim outra música.

Só muito mais tarde, quando imagens, sonhos, desdobramentos e antigas impressões começaram a pedir organização, percebi que talvez estivesse tentando compreender uma história que não começava na SERTE.

Para narrá-la, preciso voltar muito antes.

Voltar a um tempo em que eu ainda era jovem, havia cavalos junto às carroças, uma Lua cheia sobre os caminhos e uma moça dançava com uma flor vermelha junto aos lábios.

Não apresento o que segue como prova histórica de uma existência anterior. Conto aquilo que chegou a mim como memória e experiência interior, e permito que a História examine o chão por onde essa memória pretende caminhar.

Quando os dois caminhos concordam, seguimos. Quando a documentação impõe limites, os limites permanecem visíveis.

É assim que esta história começa.

Nota de Demétrius — História e Mediunidade Caminhando Juntas

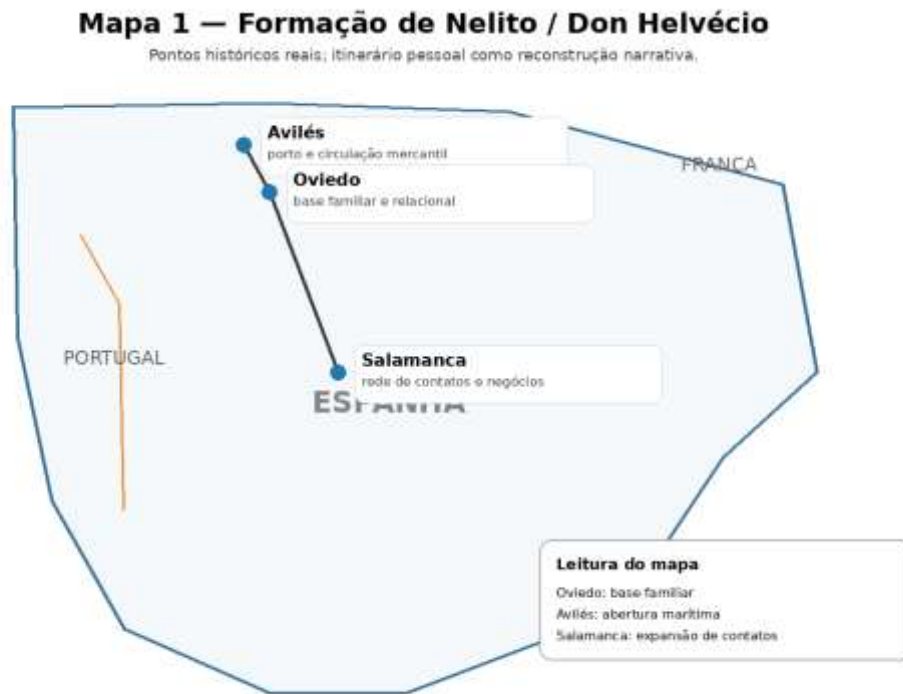
Demétrius acompanha esta narrativa como interlocutor crítico. Não é testemunha dos acontecimentos narrados e não toma para si a voz do narrador. Sua função é ajudar a confrontar memória, cronologia, geografia, documentação e plausibilidade.

Os acontecimentos íntimos, diálogos, vínculos e reencontros pertencem ao campo da memória mediúnica e da reconstrução literária. Datas públicas, operações de

Estado, fenômenos astronômicos, instituições e contextos históricos são submetidos, sempre que possível, à verificação documental.

A História não é utilizada para provar a mediunidade. A mediunidade, por sua vez, não recebe licença para contrariar fatos históricos estabelecidos. A obra permanece justamente na tensão responsável entre essas duas fontes de compreensão.

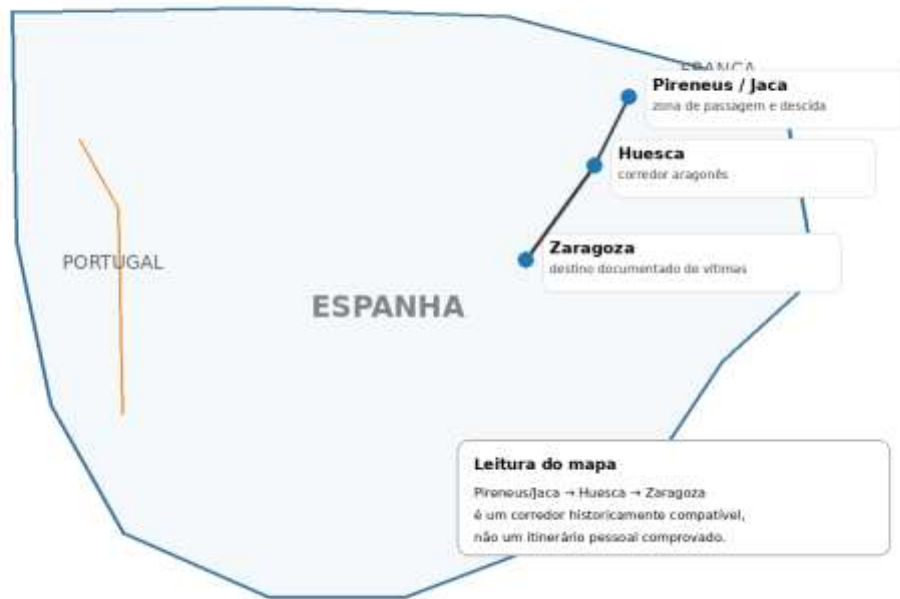
Mapas de ambientação narrativa



Mapa 1 — Formação de Nelito / Don Helvécio. Pontos históricos reais; itinerário pessoal apresentado apenas como reconstrução narrativa.

Mapa 2 — Juventude do narrador cigano

Corredor historicamente compatível; não comprova trajeto individual.



Mapa 2 — Juventude do narrador cigano. Corredor historicamente compatível; não afirma trajeto individual comprovado.

Capítulo I — Duas Juventudes, Duas Formas de Poder

Há homens que aprendem muito cedo a conservar aquilo que possuem. Outros aprendem a conservar aqueles a quem pertencem. Nem uma aprendizagem é, por si mesma, superior à outra. Tudo dependerá do uso que façam dela quando a vida lhes retirar a segurança e exigir que escolham entre preservar a própria força ou colocá-la a serviço de alguém.

Nelito nasceu antes de mim. Na reconstrução cronológica que melhor se ajustou às lembranças e aos fatos históricos examinados, sua infância pode ser situada aproximadamente na segunda década do século XVIII. Quando eu ainda não havia chegado ao mundo daquela existência, ele já crescia cercado pela linguagem dos negócios, da propriedade, das relações entre famílias e das alianças que protegiam ou ampliavam patrimônio e influência.

Seu aprendizado não se fazia em torno de carroças ou acampamentos. Fazia-se junto a homens que calculavam preços, avaliavam riscos, observavam mercados, pesavam a palavra empenhada e compreendiam que uma fortuna não dependia apenas daquilo que se guardava, mas daquilo que se conseguia fazer circular.

Tecidos, crédito, informações e favores podiam viajar mais longe do que seus proprietários.

A memória que chegou até mim o apresenta como inteligente, persuasivo e capaz de reunir pessoas ao redor de um propósito. Essas qualidades não precisam ser diminuídas para que se reconheçam seus riscos. A persuasão pode transformar-se em ardil; a confiança na própria competência, em orgulho; a necessidade de proteger o patrimônio, em justificativa para dominar, pressionar ou devolver na mesma medida uma ofensa sofrida.

Não o vejo, portanto, como um homem mau em formação. Vejo um homem capaz, formado por uma escola moral perigosa justamente porque recompensava sua capacidade. Quando os resultados confirmam repetidamente nossas escolhas, é fácil supor que também confirmem o nosso caráter.

Figura 1. Ambientação geográfica da formação de Nelito / Don Helvécio.

Oviedo podia representar para ele a base familiar e relacional; Avilés, uma abertura para o mundo mercantil. A correção histórica é importante: Oviedo não era um porto marítimo, e por isso não convém imaginar navios partindo de suas ruas. Avilés, ao contrário, possuía tradição portuária e esteve historicamente ligado ao tráfego de lã castelhana destinada ao mercado europeu, embora o próprio porto tenha atravessado dificuldades e redução de movimento entre os séculos XV e XVIII. Assim, a narrativa pode conservar a ligação de Nelito com tecidos e comércio, mas deve fazê-lo por redes e intermediários, não por uma geografia impossível.

Também não é necessário afirmar que ele percorreu pessoalmente todos os lugares assinalados. O mapa mostra uma esfera plausível de relações, não um diário de viagem. Esse cuidado será constante. Onde a lembrança disser “ele esteve”, mas a documentação apenas permitir dizer “seria possível que estivesse”, a redação adotará a segunda forma.

Nelito cresceu aprendendo que o poder familiar podia ser ampliado. Uma família bem relacionada negociava melhor, sofria menos diante de um revés e tinha mais meios para reagir quando atacada. O risco estava em confundir rede de proteção com rede de domínio. Ele aprendeu a convencer, a organizar, a calcular e a esperar. Aprendeu também que o dinheiro cria obediências que parecem lealdades enquanto os interesses coincidem.

A vida ainda lhe mostraria o preço dessa confusão. A perda, quando chegasse, atingiria não somente os bens, mas a identidade construída em torno deles. O homem que aprendera a mobilizar relações para crescer teria de decidir se utilizaria a

mesma inteligência para reconstruir-se ou para revidar. Segundo a memória mediúnica que sustenta esta narrativa, ele nem sempre escolheria bem.

A outra escola

Eu nasceria depois. Mantida a aproximação cronológica que temos utilizado, por volta de 1730. Enquanto Nelito já conhecia o peso das relações e do patrimônio, minha infância se desenvolveria em movimento. A riqueza de minha família não podia ser medida apenas em moedas ou propriedades. Estava nas pessoas, nos cavalos, nas carroças, nos ofícios, nas rotas conhecidas e, acima de tudo, na capacidade de não ficar preso a um lugar quando permanecer significasse perigo.

Não me lembro de uma infância ensinada por livros. Lembro-me de aprender observando. Um animal inquieto podia perceber antes de nós uma presença estranha. Uma mudança do vento podia anunciar chuva. Uma trilha aparentemente mais curta podia tornar-se armadilha para carroças. Um pouso seguro não era apenas um lugar confortável: precisava oferecer água, espaço, alguma proteção e mais de uma possibilidade de saída.

Os adultos me ensinaram que nem todos deviam dormir ao mesmo tempo. À medida que crescia, começaram a confiar-me tarefas que me colocavam na fronteira entre a adolescência e a responsabilidade. Observar os limites do acampamento, saber onde estavam os animais, identificar ruídos diferentes, perceber a aproximação de desconhecidos. Eu ainda não decidia o caminho da caravana, mas já participava daquilo que permitia à caravana continuar existindo.

Também aprendi que não se deveria conservar no mesmo ponto tudo aquilo de que dependia nossa liberdade. Os animais de tração podiam permanecer próximos das carroças, mas os melhores cavalos e parte da remuda deveriam ficar afastados, protegidos por árvores, pedras ou desníveis. Se alguém tomasse o acampamento, ainda teríamos movimento. Se tomasse também os cavalos, a família se transformaria num grupo imobilizado.

Figura 2. Corredor geográfico utilizado para a ambientação da juventude do narrador cigano.

O segundo mapa exige cautela ainda maior. Jaca, Huesca e Zaragoza são lugares reais e permitem construir um corredor aragonês compatível com a lembrança da descida dos Pireneus. Zaragoza tem relevância histórica direta para a Grande Prisão de 1749: registros memorialísticos e institucionais documentam o encarceramento de centenas de pessoas ciganas naquele contexto. Isso não prova que minha família tenha percorrido exatamente esse caminho. Autoriza apenas dizer que a narrativa não contradiz, nesse ponto, a geografia conhecida da repressão.

Minha formação também continha seus perigos morais. A prontidão podia virar impulsividade. A coragem podia converter-se em vingança. O desejo de proteger os meus podia tornar-se possessividade. Eu aprenderia lentamente que proteger alguém não significa possuí-lo, e essa diferença se tornaria dolorosamente concreta quando uma jovem, uma flor e três pretendentes atravessassem meu caminho.

Era uma escola diferente da de Nelito, mas havia uma semelhança profunda. Ambos aprendíamos a preservar alguma coisa. Ele, patrimônio, influência e continuidade familiar. Eu, pessoas, movimento e liberdade. Ele se exercitava na arte de formar relações; eu, na necessidade de reconhecer rapidamente em quem confiar. Ele precisava prever mercados e homens; eu, terreno e perigo. Os dois desenvolveríamos capacidades que poderiam servir tanto ao orgulho quanto ao serviço.

Essa talvez seja a primeira convergência importante desta história. As virtudes não chegam prontas. Muitas vezes aparecem misturadas às necessidades, aos medos e às imperfeições que as fizeram nascer. A coragem pode ter começado na sobrevivência antes de tornar-se proteção. A capacidade de liderança pode ter servido ao patrimônio antes de aprender a servir pessoas. A persuasão pode ter sido instrumento de poder antes de converter-se em mobilização para o bem.

A aproximação de 1749

Quando chegamos a 1749, as idades narrativas já não coincidem. Nelito é um homem maduro. Eu tenho aproximadamente dezenove anos. Essa diferença será preservada porque ela melhora a coerência das duas trajetórias e respeita aquilo que você recordou posteriormente: Nelito nascera antes.

Na Espanha de Fernando VI, entretanto, outro movimento se preparava. Em 30 de julho de 1749 foi desencadeada a operação conhecida como Grande Prisão, Grande Redada ou Prisión General de Gitanos. A ordem pretendia alcançar pessoas ciganas sem distinção de sexo, idade ou condição. A documentação histórica é inequívoca nesse ponto, e por isso a narrativa não repetirá a ideia inicial de que apenas mulheres e crianças teriam sido detidas. No nosso acampamento, mulheres, crianças, idosos e homens que permanecessem junto às famílias poderiam ser alcançados; os jovens que estivessem afastados com parte dos cavalos poderiam escapar ao primeiro cerco.

É também historicamente plausível que os bens encontrados fossem confiscados, inclusive animais. Isso torna significativa uma prática que, em minha lembrança, parecia apenas prudência de caravana: manter parte dos cavalos afastada do pouso.

O que fora aprendido para preservar movimento tornava-se, numa noite, condição concreta para tentar recuperar pessoas.

Na véspera, 29 de julho, a lua estava cheia. É nesse espaço estreito entre uma noite de celebração e a violência organizada do dia seguinte que a lembrança da jovem e da flor pode ser situada sem contrariar o calendário astronômico conhecido. Não transformaremos, contudo, a dança com a flor em “costume cigano” documentado, porque não encontramos fundamento seguro para isso. Ela permanecerá como cena singular da memória: uma jovem, uma celebração familiar, pretendentes conhecidos e uma flor vermelha que o vento trouxe até mim.

Foi ali que aquilo que eu chamava de desejo ganhou um rosto. Horas depois, a História retiraria de todos nós o direito de pensar apenas em nossos desejos.

As duas juventudes estavam formadas. Nelito possuía sua rede de negócios, influência e confiança em si mesmo. Eu possuía cavalos, companheiros, prontidão e uma confiança igualmente perigosa na força. Nenhum de nós sabia ainda o que perderia. Muito menos o que essas perdas poderiam exigir de nós.

Havia apenas uma lua cheia, uma flor, homens que ainda se julgavam rivais e, na noite seguinte, luzes estranhas avançando entre as carroças.

Em julho de 1749, porém, nada disso podia ser compreendido. Havia apenas uma Lua cheia, uma flor, homens que ainda se julgavam rivais e, na noite seguinte, luzes avançando entre as carroças.

Capítulo II — A Flor e os Caminhos Abertos

Sob a Lua dos Pireneus

Os Pireneus de meados do século XVIII não eram apenas uma linha rígida separando França e Espanha. Entre os vales existiam antigas relações de vizinhança, circulação de rebanhos e acordos conhecidos como *lies et passeries*. Esses pactos haviam tido, em séculos anteriores, funções comerciais e defensivas mais amplas; no século XVIII, porém, estavam progressivamente reduzidos sobretudo à regulação pastoral e ao uso de pastagens entre comunidades de ambos os lados da cordilheira.

Esse dado é importante para a ambientação. A montanha constituía uma fronteira política, mas não eliminava as relações locais. Pastores, famílias rurais e pequenos circuitos econômicos conheciam passagens, vales e caminhos que não obedeciam inteiramente à imagem de uma fronteira fechada. Para uma família em deslocamento, isso tornava a região simultaneamente propícia à circulação e perigosa diante de mudanças repentinas na ação das autoridades.

Também não se tratava de um espaço isolado do século das Luzes. Localidades termais pirenaicas, como Bagnères-de-Bigorre, já recebiam aristocratas entre os séculos XVI e XVIII, enquanto médicos e naturalistas começavam a olhar as águas minerais e a própria montanha com crescente interesse racional. O antigo e o novo conviviam: práticas locais, religiosidade popular, tradições orais e superstições permaneciam ao lado de uma cultura europeia que lentamente ampliava a observação científica da natureza.

Na noite que interessa a esta narrativa, porém, há um dado que não depende de tradição ou folclore. A Lua cheia ocorreu em 29 de julho de 1749, às 16h45 em Tempo Universal. Na mesma tarde houve um discreto eclipse lunar penumbral, cujo máximo ocorreu por volta das 16h31 UT. Não há razão para afirmar que o grupo tenha observado ou atribuído qualquer significado ao eclipse. O que podemos conservar com segurança é a Lua cheia dominando a noite de verão e oferecendo luminosidade suficiente para integrar a lembrança da festa.

A interpretação espírita também exige contenção. A Lua não será utilizada como causa de fenômenos mediúnicos, de alterações emocionais ou de acontecimentos humanos. Ela pertence ao cenário natural. Se os homens daquela época lhe atribuíam significados, isso pertence à história das crenças; se hoje procuramos compreender experiências anímicas ou mediúnicas, devemos fazê-lo sem confundir simbolismo cultural, fenômeno psicológico e hipótese espiritual. A fé raciocinada não precisa retirar a beleza da noite para recusar aquilo que não pode demonstrar.

A chegada

Chegamos aos campos ainda no início da tarde. A descida havia sido longa, e os animais mostravam antes de nós o cansaço do caminho. As carroças avançavam devagar, enquanto os mais experientes procuravam terreno firme, água próxima e algum abrigo natural contra o vento. Numa família acostumada a mover-se, escolher onde permanecer era também escolher por onde seria possível sair.

Eu acompanhava esse trabalho havia alguns anos. Ainda não me sentava entre os homens que decidiam o caminho, mas já aprendera que um pouso não era escolhido apenas porque oferecia beleza ou descanso. Era preciso observar as trilhas que chegavam, reconhecer os desníveis do terreno, verificar a proximidade da água e perceber se havia sinais recentes de passagem. Também era preciso decidir onde permaneceriam os animais.

Os cavalos de tração ficaram junto às carroças. Parte dos melhores animais e da remuda foi conduzida para mais longe, protegida pelas elevações e pela vegetação. Não pretendo fazer dessa disposição uma regra histórica de todos os ciganos

espanhóis. Era, na memória que conservo, uma prática de nosso núcleo familiar: não deixar no mesmo lugar tudo aquilo de que dependia o movimento. Se alguém alcançasse as carroças, ainda poderíamos montar. Se levassem também os cavalos, nossa liberdade se tornaria muito menor.

Naquela tarde, porém, ninguém esperava que essa precaução viesse a adquirir importância tão rapidamente. Havíamos chegado, e chegar depois de muitos dias de estrada era razão suficiente para celebrar.

Enquanto as carroças encontravam posição, a vida recompunha sua ordem. Algumas mulheres preparavam os alimentos; homens examinavam os animais, ajustavam arreios e descarregavam utensílios; crianças corriam pelo campo como se toda viagem terminasse ali. Outros começaram a separar instrumentos e madeiras para a fogueira. A festa da chegada já estava sendo anunciada antes que o sol baixasse.

Havia ainda outra expectativa.

Uma jovem de nossa convivência havia alcançado a idade em que sua família aceitava ouvir pretensões de casamento. Evito dizer que seria “oferecida” ou “entregue”, porque essas palavras transformariam uma lembrança familiar numa prática cultural que não tenho como demonstrar. O que permaneceu comigo é mais simples: sua família deixara saber que admitiria propostas, e alguns homens já haviam manifestado interesse.

Eu não estava entre eles.

A jovem e a flor

Conhecia-a antes daquela noite, embora não consiga estabelecer desde quando. Em famílias que viajavam, se reencontravam e partilhavam caminhos, as pessoas não precisavam ser formalmente apresentadas umas às outras. Crianças cresciam. Meninos começavam a acompanhar os homens em tarefas mais difíceis. Meninas assumiam novas responsabilidades junto às mulheres. Em algum momento, sem que ninguém anunciasse, deixávamos de olhar uns para os outros como crianças.

Talvez tenha sido isso o que me aconteceu.

Durante a tarde, percebi homens aproximarem-se de sua família. Algumas conversas eram breves; outras demoravam. Dois pretendentes pareciam ter intenções mais definidas. Não eram desconhecidos, tampouco homens que eu pudesse diminuir para justificar o que viria a sentir. Eram jovens respeitados, pertencentes a famílias próximas, capazes de trabalhar e de assumir responsabilidades.

Isso tornava tudo mais difícil.

Se fossem covardes ou desonestos, eu teria criado para mim a facilidade de considerá-los indignos. Não eram. Naquela tarde, meu único direito sobre a jovem era nenhum.

Quando o sol desapareceu, a fogueira já ardia. Vieram as canções, os instrumentos, a comida partilhada e o alívio de permanecer por algumas horas sem pensar na próxima estrada. A Lua, que alcançara a fase cheia naquela tarde de 29 de julho de 1749, dominaria a noite. A efeméride astronômica registra ainda um discreto eclipse penumbral naquela mesma tarde, mas não há razão para supor que o grupo o tenha percebido ou lhe atribuído significado. A lembrança é apenas de um céu luminoso, suficientemente claro para permanecer associado à festa.

Ela começou a dançar.

Não sei reproduzir a música nem desejo transformar sua dança num retrato folclórico dos ciganos espanhóis. Também não encontrei fundamento seguro para afirmar que o gesto que se seguiu fosse um ritual matrimonial. Por isso, ele permanece exatamente onde deve permanecer: naquela jovem, naquela noite e na memória que dela conservo.

Trazia uma flor vermelha junto aos lábios.

Em certo momento, lançou-a para o alto.

Não em direção a alguém. Para cima.

Uma corrente de ar desceu pela encosta, atravessou a fumaça da fogueira e modificou sua trajetória. A flor veio em minha direção.

Estendi a mão.

Apanhei-a.

Por alguns instantes, houve apenas o gesto. Depois vieram risos, comentários e olhares. Também ri. Mas alguma coisa havia se alterado dentro de mim.

Não porque a flor tivesse me escolhido. Flores não escolhem homens. Tampouco aquele acaso me concedia direito sobre a jovem. Foi diferente: no instante em que a segurei, compreendi que a desejava de uma maneira que ainda não conhecia.

A adolescência parecia ter terminado numa rajada de vento.

Os rivais

Um dos pretendentes aproximou-se algum tempo depois. Primeiro olhou para mim; depois, para minha mão. A flor continuava ali.

Não posso assegurar as palavras pronunciadas. A memória conserva melhor o significado do que o diálogo. O que permaneceu foi a observação de que a flor havia caído longe de onde deveria.

Respondi com a insolência própria de quem acabara de descobrir a paixão: o vento não perguntava onde deveria deixar uma flor.

Ele não gostou.

Também não avançou contra mim. Uma disputa entre homens ligados a famílias próximas poderia rapidamente tornar-se problema de todos. Permanecemos diante um do outro por alguns segundos e nos afastamos.

Naquela noite começamos a nos considerar rivais.

Parecia importante.

Em menos de dois dias, deixaria de ser.

Nelito diante de outro horizonte

Enquanto eu descobria a paixão junto a uma fogueira, Nelito já era um homem maduro. Sua experiência daquela existência não deve ser compreendida como o nascimento de sua liderança. Segundo a tradição mediúnica que sustenta esta narrativa, ele já trazia experiências anteriores de condução de grupos, inclusive em existências ligadas ao povo cigano. O que aquela vida lhe acrescentava era outra espécie de aprendizado: a materialidade do comércio.

Negociar não era apenas comprar e vender. Era conhecer preço, prazo, transporte, crédito, reputação, risco e confiança. Era saber que uma mercadoria podia ser boa e ainda assim não chegar ao comprador; que um comprador podia querer e não poder pagar; que um acordo podia depender de um homem que jamais apareceria no contrato; que uma fronteira política não interrompia necessariamente uma rede comercial.

Foi dentro desse mundo que sua atividade se ampliou, na reconstrução mediúnica adotada para este romance, até alcançar interesses associados ao Río de la Plata.

Aqui a cautela histórica precisa ser rigorosa. Não possuímos documentação que demonstre uma viagem individual de Nelito ou identifique os navios, intermediários e contratos que teriam sustentado sua presença na região. O que a História permite afirmar é que o estuário platino era, naquele período, uma verdadeira fronteira transimperial. Buenos Aires, a Colônia do Sacramento portuguesa e os circuitos ligados ao Rio de Janeiro mantinham relações legais e clandestinas, apesar dos esforços metropolitanos de controle.

A Colônia do Sacramento, fundada pelos portugueses na margem oposta a Buenos Aires, havia se transformado num importante entreposto e centro de contrabando. Comerciantes espanhóis e portugueses comunicavam-se através do estuário; mercadorias e prata percorriam circuitos que frequentemente atravessavam as fronteiras políticas. Pesquisas históricas mostram ainda que comerciantes ingleses ligados ao antigo asiento também negociaram por intermédio daquela praça portuguesa.

Em 1749, portanto, alcançar comercialmente o Río de la Plata significava entrar num espaço em que diferentes interesses se sobrepunham. Não havia ainda uma Argentina independente, nem um Brasil politicamente constituído nos termos modernos. Havia domínios espanhóis, América portuguesa, redes comerciais privadas e agentes estrangeiros buscando oportunidades.

É nesse sentido que devemos compreender a lembrança de resistência ligada a interesses ingleses. Seria excessivo afirmar que a Grã-Bretanha mantinha, em 1749, uma política explícita destinada a impedir uma futura industrialização platina. Isso projetaria categorias do século XIX sobre uma realidade anterior. O que já existia, e era poderoso, era o interesse mercantil britânico em ampliar a circulação de suas manufaturas, alcançar mercados coloniais espanhóis e participar dos fluxos de prata e de outras riquezas do Atlântico.

Nelito encontraria, portanto, concorrência e barreiras não porque existisse uma única conspiração contra ele, mas porque entrava num sistema em que espanhóis, portugueses e britânicos defendiam redes e privilégios próprios.

Era exatamente o tipo de ambiente que exigia persistência.

A escola da persistência

Persistir, para Nelito, não significava repetir indefinidamente a mesma proposta. Significava aprender com a recusa. Esperar. Retornar. Procurar outro correspondente. Recalcular preço e prazo. Descobrir quem decidia e quem apenas transmitia uma decisão. Reconhecer quando uma pequena concessão preservava uma relação maior.

A cada dificuldade, sua habilidade crescia.

Também crescia o risco.

Quanto mais portas conseguia abrir, mais fácil se tornava acreditar que sua capacidade pessoal poderia abrir todas. Quanto mais homens convencia, maior a tentação de considerar a persuasão uma forma de domínio. A perseverança podia

tornar-se virtude; o sucesso podia alimentá-la. Mas o mesmo sucesso podia alimentar o orgulho.

Essa ambiguidade é importante porque aquela aprendizagem não se perderia. Séculos depois, quando fosse necessário reunir comerciantes, profissionais, amigos e colaboradores em torno de uma obra assistencial, a antiga capacidade de negociação encontraria outra finalidade. Nelito saberia pedir, retornar, insistir, envolver pessoas e transformar relações de confiança em cooperação.

Mas não devemos antecipar a SERTE dentro daquele homem.

Naquela existência, ele ainda negociava para vencer.

A transformação moral dessas faculdades pertenceria a outro tempo.

O dia seguinte

Nos campos espanhóis, acordei cedo. A flor continuava comigo.

Não esperava perigo. Era hábito levantar antes que todas as tarefas começassem. Alguns animais precisavam ser examinados e os homens queriam reconhecer melhor a área antes de decidir quanto tempo permaneceríamos ali.

A vida retomou sua rotina. As pequenas tensões entre mim e os pretendentes também. Agora havia olhares, ironias e provocações discretas. Nada que anunciasse a aliança que em breve precisaríamos construir.

Ao longo daquele 30 de julho de 1749, em diversos pontos da Espanha, uma operação cuidadosamente preparada pelo poder central começava a ser executada. As instruções haviam sido distribuídas secretamente e determinavam a prisão de pessoas identificadas como ciganas. A historiografia conhece o episódio como Gran Redada ou Prisión General de Gitanos. A documentação registra sua deflagração em 30 de julho; a execução local ocorreu de acordo com as condições de cada cidade e autoridade.

Por isso, a cena de nosso acampamento não será apresentada como descrição documental de uma ação específica ocorrida em Jaca, Huesca ou qualquer outra localidade. A prisão de nossa família pertence à memória mediúnica e à elaboração narrativa; o acontecimento estatal que a torna historicamente plausível é documentado.

Ao final do dia, saí com alguns companheiros e parte dos cavalos. Não levávamos todos. Uma porção da remuda permanecia afastada do pouso, como já era hábito de nosso núcleo. Alguns dos homens que disputavam a jovem estavam entre aqueles capazes de cumprir tarefas semelhantes.

Não fomos poupados porque alguém tivesse previsto uma missão para nós.

Estávamos fora porque havia trabalho a fazer.

Foi a rotina que nos colocou fora do primeiro alcance.

As luzes

A noite avançava quando percebemos movimento na direção das carroças.

Luzes.

Não eram nossas fogueiras. Moviam-se de maneira organizada.

Alguém pediu silêncio. Descemos dos cavalos e procuramos uma elevação de onde pudéssemos observar sem nos expor.

Então vimos homens entrando no pouso.

Havia soldados e agentes de autoridade. Pessoas eram retiradas das carroças. Vozes se sobrepunham. Animais se agitavam. Tudo acontecia com rapidez suficiente para impedir que compreendêssemos a dimensão do que estava ocorrendo.

A ordem histórica de 1749 pretendia alcançar homens e mulheres ciganos, sem poupar crianças ou idosos. Depois das prisões, os destinos variariam conforme sexo, idade, capacidade de trabalho e decisões administrativas. Naquela hora, porém, nada disso possuía para mim qualquer significado histórico.

Eu procurava rostos.

Procurei minha família.

Depois procurei a jovem.

Não a vi.

Um dos pretendentes moveu-se como se fosse descer imediatamente. Segurei-o.

Talvez tenha sido a primeira vez que fiz por ele aquilo que, poucas horas antes, eu não imaginaria fazer.

Outro companheiro disse aquilo que todos já sabíamos: se avançássemos naquele momento, seríamos presos também.

Tinha razão.

Odíamos que tivesse razão.

Os cavalos que mantivéramos afastados continuavam conosco.

Havíamos preservado o movimento.

Não havíamos preservado a família.

Quando os rivais precisam tornar-se companheiros

A primeira reação foi a raiva.

Não a coragem. A raiva.

Queria descer. Queria encontrar quem comandava aqueles homens. Queria recuperar minha família e, sobretudo, queria saber onde estava a jovem.

Foi então que a rivalidade começou a perder importância.

Os homens que eu considerara obstáculos para aproximar-me dela possuíam agora exatamente o mesmo objetivo que eu: encontrá-la. Mais do que isso, cada um deles tinha mãe, pai, irmãos, parentes ou amigos entre os que estavam sendo levados.

A paixão escolhera um rosto.

A violência obrigava-nos a enxergar todos.

Não nos tornamos amigos naquela noite.

Tornamo-nos necessários uns aos outros.

Um conhecia melhor certos caminhos. Outro manjava os animais com maior habilidade. Havia quem soubesse aproximar-se sem ser percebido. Eu conhecia determinados pontos de passagem e tinha, naquele momento, a impetuosidade de quem ainda confundia agir rapidamente com agir corretamente.

Nenhum de nós bastava.

Esse aprendizado começaria ali.

Duas formas de atravessar uma fronteira

Enquanto procurávamos descobrir para onde haviam levado nossas famílias, Nelito procurava atravessar fronteiras comerciais.

Eu precisava de caminhos que não fossem vigiados.

Ele precisava de relações que não fossem bloqueadas.

Eu dependia de cavalos, silêncio e conhecimento do terreno.

Ele dependia de correspondentes, confiança, crédito e perseverança.

Eu começava a compreender que a liberdade não podia ser recuperada sozinho.

Ele aprendia que uma operação de grande alcance não era realizada por um único comerciante.

As experiências permaneciam separadas. Não há razão histórica para afirmar que nos conhecemos naquela Espanha ou que nossas trajetórias individuais se cruzaram no século XVIII.

A convergência pertence a outro tempo.

Também não existia ainda a corrente que décadas mais tarde se tornaria símbolo da SERTE. Esse desenho surgiria somente em 1970, em circunstâncias concretas da vida familiar do narrador. Antecipá-lo aqui retiraria força de sua verdadeira origem.

Em 1749 havia apenas aquilo que um dia poderia transformar-se em elo: pessoas aprendendo, às vezes pela dor, que nenhuma capacidade humana se completa em isolamento.

Para Nelito, a negociação ensinava a reunir interesses.

Para mim, a perda começava a ensinar a reunir homens.

Nenhum dos dois conhecia ainda a finalidade distante dessas aprendizagens.

Um homem pode ser hábil sozinho. Uma obra, nunca.

Capítulo III — Os Que Ficaram e a Estrela do Caminho

Não descemos naquela noite.

Durante muito tempo considerei essa decisão uma covardia. Hoje penso que talvez tenha sido a primeira escolha verdadeiramente adulta que fiz naquela existência.

As luzes avançavam entre as carroças. O ruído dos animais misturava-se às ordens gritadas e às vozes daqueles que eram arrancados do repouso. Eu conseguia distinguir movimentos, mas não rostos. Em alguns momentos acreditava reconhecer minha mãe. Em outros, julgava ver a jovem. Cada sombra parecia alguém que eu deveria salvar.

Um dos pretendentes insistia que precisávamos descer. Outro queria contornar o pouso e aproximar-se pela parte mais baixa. Eu oscilava entre os dois. O corpo mandava avançar. Tudo o que aprendera sobre proteção, porém, dizia que um homem preso não protege ninguém.

Foi um dos mais velhos que havia permanecido conosco quem encerrou a discussão.

— Se vocês forem agora, amanhã haverá mais famílias procurando por vocês.

Ninguém respondeu.

A frase não nos deu coragem. Deu-nos vergonha suficiente para esperar.

Os primeiros caminhos

Antes do amanhecer, afastamo-nos ainda mais. Levávamos os cavalos que haviam escapado ao primeiro cerco e quase nada além do que vestíamos. A vontade era

seguir imediatamente os homens que conduziam os prisioneiros. Mas não sabíamos se todos haviam tomado a mesma direção, se seriam reunidos em algum ponto ou separados antes disso.

Foi ali que a rivalidade começou a perder sua utilidade.

Os dois homens que, poucas horas antes, eu observava como concorrentes passaram a ser os únicos em quem podia confiar para certas tarefas. Um conhecia melhor as passagens entre pequenas propriedades. O outro tinha parentes e conhecidos em regiões que eu pouco frequentara. Eu sabia conduzir os cavalos, reconhecer sinais e permanecer atento por longos períodos.

Nenhum de nós disse que estava fazendo uma aliança.

Simplesmente começamos a agir juntos.

Durante os dias seguintes, procuramos notícias. Falávamos com trabalhadores, pequenos proprietários, comerciantes de animais e pessoas que, por antigas relações, aceitavam informar-nos sem chamar as autoridades. Alguns fechavam as portas. Outros as abriam apenas o suficiente para entregar água, pão ou uma orientação. Houve também quem nos permitisse permanecer algumas horas numa estrebaria ou num pedaço de terra afastado.

Foi assim que comecei a compreender algo que minha juventude ainda não sabia formular: o mesmo país que podia perseguir-nos por meio de leis e ordens era habitado por pessoas que não necessariamente desejavam nossa destruição.

Essa diferença não diminuía a violência do que estava acontecendo. Apenas impedia que eu transformasse todos os homens no rosto daqueles que haviam levado minha família.

A jovem que já não era a mesma

Encontrá-la não encerrou a busca.

A memória conserva esse reencontro mais como sensação do que como sequência completa de acontecimentos. Não pretendo atribuir-lhe uma data que ainda não consigo demonstrar, nem reconstruir uma fuga como se dispusesse de um diário. O que permaneceu foi o instante em que a reconheci entre pessoas que haviam sido retiradas de um lugar e conduzidas a outro.

Ela estava viva.

Durante alguns segundos isso bastou.

Depois percebi que a jovem da fogueira já não existia da mesma maneira. Havia cansaço em seu rosto, medo nos movimentos e uma vigilância que antes eu só

conhecia em homens acostumados às estradas. Também eu não era mais o rapaz que recebera uma flor e imaginara que o vento pudesse decidir alguma coisa por mim.

Aproximei-me sem saber o que dizer.

Ela olhou para minha mão.

A flor não estava mais comigo.

Talvez tenha sido melhor assim.

Não era o momento de perguntar a quem pertencia seu coração. Era o momento de perguntar quem ainda faltava encontrar.

Foi ela quem pronunciou primeiro alguns nomes.

E voltamos a procurar.

Salvar alguns não era salvar todos

Durante muito tempo lutei contra essa verdade.

Quando se tem dezenove anos, a impossibilidade de resolver tudo parece uma acusação pessoal. Cada pessoa que permanecia presa parecia demonstrar que não havíamos feito o suficiente. Cada notícia de morte ou desaparecimento devolvia a mesma pergunta: onde estávamos quando aquilo aconteceu?

Aos poucos compreendi que a pergunta precisava mudar.

Não mais: por que não conseguimos salvar todos?

Mas: quem ainda podemos alcançar?

Houve pessoas que retornaram por libertações administrativas. Houve outras que conseguiram escapar. Houve famílias que passaram anos tentando descobrir para onde haviam sido conduzidos homens, mulheres e crianças. Hoje sei, pela documentação histórica, que a própria Grande Prisão começou a produzir contradições, custos e resistências que o poder não conseguira prever.

As mulheres confinadas em Zaragoza, por exemplo, resistiram de maneiras que a História conseguiu registrar. Em janeiro de 1753, cinquenta e duas delas abriram uma brecha numa parede da Casa de Misericórdia e tentaram fugir. A maioria foi recapturada, mas a imagem permaneceu em mim quando conheci esse registro séculos depois: mulheres a quem haviam tirado quase tudo continuavam procurando uma saída.

Não digo que alguma delas pertencesse à minha família. Não tenho esse direito.

Digo apenas que, quando leio hoje o que fizeram, reconheço o mesmo impulso que movia aqueles de nós que haviam ficado do lado de fora.

Não aceitar que uma parede seja a última palavra.

Nelito e as portas que não se abriam

Enquanto eu aprendia a diferença entre salvar e possuir, Nelito enfrentava outra espécie de limite.

Sua experiência comercial já o havia ensinado a reconhecer homens, preços e interesses. Quanto mais ampliava sua rede de relações, porém, mais descobria que nem toda porta dependia de sua capacidade de convencer.

No circuito atlântico e nos interesses ligados ao Río de la Plata, encontrou negociações em que o problema não era a qualidade da mercadoria nem a disposição para trabalhar. Havia privilégios, correspondentes protegidos, interesses espanhóis, portugueses e britânicos, rotas oficiais e clandestinas, homens cuja força vinha menos do comércio do que da posição que ocupavam.

Nelito não gostava de perder.

Seu primeiro impulso era procurar outro caminho.

Se um agente recusava, buscava outro. Se um porto criava obstáculo, estudava uma alternativa. Se um comprador hesitava, encontrava alguém capaz de falar-lhe de outro modo.

Essa persistência era uma qualidade antiga. O perigo estava em acreditar que toda resistência existia apenas para ser vencida.

Algumas derrotas não pedem insistência. Pedem transformação.

Nelito ainda levaria tempo para aprender isso.

Dezesseis anos

O tempo passou de maneira diferente para quem estava livre e para quem permanecia encerrado.

Em 1749 eu tinha aproximadamente dezenove anos. Quando a libertação dos últimos sobreviventes ainda presos se efetivou, em 1765, eu me aproximava dos trinta e cinco.

Dezesseis anos cabem facilmente numa linha escrita.

Numa vida, não.

Crianças haviam se tornado adultos. Adultos haviam envelhecido. Alguns dos que saíram das prisões já não encontraram as mesmas casas, os mesmos parentes ou as mesmas possibilidades de trabalho. Outros jamais retornaram.

Também nós havíamos mudado.

A experiência ensinara que permanecer unido não significava permanecer imóvel. Famílias podiam espalhar-se e ainda preservar vínculos. Homens que antes

obedeciam apenas aos mais velhos começaram a assumir responsabilidades. Jovens passaram a procurar-me para discutir caminhos, pousos, negócios de animais e conflitos que antes eu próprio teria resolvido com demasiada rapidez.

Não sei em que momento passei a ser ouvido como homem maduro.

Talvez ninguém saiba.

Um dia percebemos apenas que os mais jovens esperam nossa resposta antes de decidir.

Foi então que descobri outra espécie de medo.

Quando errava sozinho, pagava pelo meu erro.

Quando outros começavam a confiar em mim, um erro podia custar-lhes o caminho.

1769 — a primeira estrela com rastro

Quatro anos depois, o céu me devolveu uma imagem que eu jamais esqueceria.

Era 1769. Eu tinha por volta de trinta e nove anos.

Naqueles dias discutíamos se deveríamos permanecer por algum tempo numa propriedade onde éramos recebidos sem hostilidade ou retomar a estrada antes que rumores de novas dificuldades alcançassem a região. Os mais jovens queriam partir. Havia neles a certeza de que movimento era sempre liberdade.

Eu conhecia aquela certeza.

Também havia conosco crianças, dois idosos que já montavam com dificuldade e uma mulher adoentada. Partir rapidamente seria simples para os fortes. Para os demais, podia transformar-se em outra forma de violência.

Afastei-me das carroças ao anoitecer.

Precisava pensar sem ouvir argumentos.

Foi quando vi a estrela.

Assim a chamei naquele instante, embora hoje saibamos que se tratava de um grande cometa.

Uma claridade intensa dominava parte do céu, prolongando-se numa cauda que parecia apontar para uma distância impossível de medir. Não era a primeira vez que eu olhava as estrelas. Era a primeira vez que uma delas parecia ter movimento mesmo quando permanecia diante de meus olhos.

Não a tomei como presságio.

Mas alguma coisa em mim silenciou.

Sem perceber, comecei a recordar a velha melodia da juventude. Não a cantei inteira. Vieram apenas alguns sons e, depois, palavras que talvez ainda nem tivessem a forma definitiva que ganhariam muitos anos mais tarde.

Não deixes quem anda lento.

Não abandones quem caiu.

Olhei para as carroças.

E a pergunta veio antes da resposta:

— De que vale encontrar um caminho se nem todos conseguem percorrê-lo?

Naquela noite decidimos permanecer.

Não porque o cometa mandasse.

Permanecemos porque, depois de olhar para ele, consegui ouvir melhor aquilo que minha própria experiência já tentava ensinar.

Sob o mesmo céu

Muito longe dali, Nelito também atravessava uma noite de decisão.

Deixara sobre uma mesa cartas, contas e propostas que não lhe ofereciam a saída esperada. Uma negociação importante havia chegado a um ponto em que insistir significava arriscar mais patrimônio e mais relações. Recuar, porém, parecia-lhe admitir que outros homens eram capazes de deter aquilo que ele havia decidido realizar.

Saiu do ambiente fechado.

O ar da noite lhe permitia pensar melhor.

Então viu o mesmo cometa.

Não sabia que, em outro lugar, um homem ligado a uma história inteiramente diferente também observava aquele rastro.

Nelito não procurou um sinal.

Procurou uma resposta em si mesmo.

Até onde insistir sem transformar perseverança em orgulho?

A pergunta o incomodou porque atingia exatamente aquilo que considerava uma de suas maiores virtudes.

Persistir sempre lhe parecera sinal de força.

Naquela noite começou a admitir que poderia haver força também em mudar o modo de continuar.

Nenhum de nós ouviu o pensamento do outro.

Nenhum de nós sabia que o outro existia.

O céu não respondeu a nenhum dos dois.

Mas a mesma estrela com rastro ficou presa a duas perguntas.

Para mim: como preservar a liberdade sem abandonar os mais lentos?

Para Nelito: como perseverar sem transformar a persistência em domínio?

As respostas ainda levariam muito tempo.

A música e a memória

Depois daquela noite, a melodia voltou em outros momentos de pressão.

Às vezes surgia quando eu precisava decidir uma partida. Outras vezes, quando dois jovens queriam resolver pela força aquilo que ainda podia ser resolvido pela palavra. Em certas ocasiões bastava olhar um cavalo pronto para a estrada e perceber que alguém não teria condições de acompanhá-lo.

A música não me dava respostas.

Fixava o sentimento.

A estrela fazia algo parecido.

Não me dizia para onde ir. Lembrava-me de que existia uma direção a escolher.

Talvez seja assim que algumas imagens atravessam uma vida. Não permanecem porque explicam alguma coisa, mas porque se ligam aos momentos em que fomos obrigados a examinar quem desejávamos ser.

Muito mais tarde, outra estrela com rastro atravessaria o céu quando eu já fosse velho.

E os jovens estariam novamente diante de mim, exigindo uma decisão.

Mas eu ainda não sabia disso.

Capítulo IV — O Velho, os Jovens e a Guerra que Chegava

A estrela voltou

Eu já era velho quando o céu voltou a riscar-se.

Não digo velho como quem pede indulgência. Digo porque meu corpo já me lembrava, todas as manhãs, que havia caminhado mais do que ainda caminharia. Os cavalos continuavam a reconhecer minha voz, mas eu já não montava com a mesma facilidade. Os mais jovens percorriam numa tarde caminhos que me exigiriam dois dias.

No fim de 1807, uma grande estrela com rastro tornou-se visível no céu. Hoje sei que se tratava de outro cometa, diferente daquele que eu vira em 1769. Naquela noite, porém, não pensei em astronomia. Apenas reconheci a forma.

Fiquei parado por muito tempo.

A melodia antiga voltou sem que eu a chamasse.

Não deixes quem anda lento.

Não abandones quem caiu.

Sorri sozinho.

Tinha quase oitenta anos e a canção ainda sabia encontrar-me.

Um rapaz aproximou-se.

— O senhor já viu uma estrela assim?

— Já.

— Quando?

Demorei a responder.

— Quando eu ainda precisava aprender a escolher.

Ele não perguntou mais.

Eu também não sabia que, poucos meses depois, outra escolha chegaria até nós sem pedir licença.

Uma Espanha de muitos rostos

Ao longo das décadas eu aprendera a desconfiar das palavras muito grandes.

“Espanha” era uma delas.

A Espanha que eu conhecera aos dezenove anos havia entrado durante a noite para levar famílias inteiras. Tinha decretos, soldados, autoridades e homens dispostos a cumprir ordens sem perguntar quem estava diante deles.

Mas havia também outra Espanha.

A dos proprietários que permitiam que nossas famílias pousassem em suas terras. A dos homens que compravam cavalos porque reconheciam nossa habilidade com os animais. A dos que nos procuravam para reparar metais, ferragens, arreios e ferramentas. A dos pequenos comerciantes que preferiam negociar conosco a obedecer aos preconceitos repetidos nas cidades. A dos camponeses que avisavam quando uma patrulha percorreria determinada estrada.

Não romantizo essa acolhida. Muitas vezes ela nascia da conveniência. O proprietário precisava de cavalos; nós precisávamos de passagem. Ele precisava de

uma ferramenta reparada; nós precisávamos permanecer dois dias em segurança. Mas aprendi que a convivência humana começa, algumas vezes, antes da virtude perfeita.

Uma porta aberta por interesse ainda podia impedir que uma criança dormisse ao relento.

E isso eu não esquecia.

Quando a guerra entrou pelos caminhos

Em 1808, as notícias mudaram de natureza.

Já não se tratava apenas de novas leis, fiscais ou perseguições locais. Tropas estrangeiras atravessavam a Espanha. Estradas antes comerciais passavam a servir ao movimento de exércitos. Cavalos eram requisitados. Alimentos desapareciam. Homens falavam em resistência, juntas, levantes, tropas francesas e cidades que precisavam decidir se obedeceriam ou lutariam.

Para os jovens, a conclusão parecia simples.

Se a Espanha estava em perigo, que a Espanha cuidasse de si.

Eu compreendia.

Era justamente por compreender que não podia aceitar a resposta.

O conselho

Reuniram-se ao cair da tarde.

Os mais novos haviam chegado inquietos. Alguns permaneciam montados; outros caminhavam de um lado para outro como se a impaciência precisasse ocupar espaço. As notícias da invasão corriam mais depressa do que nossas caravanas.

Um deles falou antes dos demais.

— Agora eles precisam de nós.

Ninguém perguntou quem eram “eles”.

— Precisam de nossos cavalos, dos caminhos que conhecemos, das mãos que trabalham o ferro. Ontem nos perseguiram. Hoje querem que salvemos a Espanha.

Outro respondeu:

— A Espanha deles.

Um terceiro ergueu a voz:

— Quando levaram nossas mulheres, onde estavam? Quando prenderam nossos velhos? Quando famílias inteiras precisaram fugir? Agora dizem que pertencemos ao mesmo país?

Deixei que falassem.

Eu também tivera dezenove anos.

— Que lutem sozinhos — disse um deles. — Talvez seja bom que aprendam o que significa ver soldados entrando em suas casas.

Houve concordância.

Outro jovem riu.

— Podemos vender cavalos aos dois lados.

Alguns sorriram.

Eu não.

— E quando não houver mais lado para comprar?

Ele me encarou.

— Sempre haverá alguém pagando.

— Não foi isso que perguntei.

— Então o que perguntou?

Olhei para aqueles homens. Fortes. Rápidos. Orgulhosos. Alguns conheciam as montanhas melhor do que eu já conseguia percorrê-las. Tinham a certeza própria de quem ainda não precisou calcular quantas pessoas podem morrer por causa de uma decisão tomada depressa demais.

— Perguntei o que vocês farão quando o comprador chegar à casa onde estão suas mães.

O silêncio veio.

— O que farão quando um exército precisar de alimento e decidir que o cavalo de vocês, o trigo de um camponês e a última galinha de uma viúva pertencem todos à mesma necessidade?

Um deles respondeu:

— Os espanhóis fizeram conosco pior.

— Fizeram.

Minha resposta o surpreendeu.

— Então o senhor concorda.

— Concordo que fizeram. Não concordo que vocês precisem tornar-se iguais a eles para provar que se lembram.

O mais exaltado aproximou-se.

— O senhor quer que esqueçamos.

— Não.

Levantei-me devagar.

— Quero que se lembrem de tudo.

Olhei para cada um.

— Lembrem-se das prisões. Das mulheres separadas dos maridos. Das crianças. Dos homens levados para lugares de onde muitos não voltaram. Lembrem-se das leis. Lembrem-se de cada porta que se fechou.

Parei.

— Agora lembrem-se também das que se abriram.

Ninguém se moveu.

— Lembrem-se dos homens que deixaram nossas famílias dormir em suas terras. Dos que compraram nossos cavalos sem nos tratar como ladrões. Dos que encomendaram nosso trabalho em metal. Dos que avisaram quando soldados vinham pela estrada. Dos que olharam uma criança cigana e enxergaram apenas uma criança.

Um deles baixou os olhos.

— A Espanha que nos perseguiu não tinha um único rosto. A Espanha que está sendo invadida também não tem.

— Então vamos morrer por eles?

— Não.

— Por quem, então?

Apontei para fora.

Havia mulheres perto das carroças. Crianças brincavam mais adiante. Dois idosos observavam nossa discussão.

— Por quem está atrás de vocês.

Eles se viraram.

— Vocês pensam que guerra começa quando escolhemos um lado. Às vezes começa antes. Começa quando precisamos decidir quem não abandonaremos.

Ninguém falou.

— Eu tinha dezenove anos quando chegaram para levar os meus. Naquela noite achei que coragem era descer sozinho contra homens armados. Se tivesse feito isso, teria sido preso ou morto e não teria ajudado ninguém.

Respirei.

— Levei muitos anos para aprender que não basta ter coragem para avançar. É preciso ter coragem para esperar, recuar, escolher o momento e carregar quem não consegue correr.

Um rapaz perguntou:

— O que o senhor quer que façamos?

— Primeiro, tirem crianças e idosos dos caminhos por onde os exércitos passarão.

— E depois?

— Depois descobriremos quem merece nossos cavalos.

— Os espanhóis?

— Homens.

Ele franziu a testa.

— Não entregaremos nossos jovens a qualquer oficial que saiba gritar ordens. Não colocaremos nossas famílias em risco para alimentar a glória de comandante algum. Mas também não ficaremos olhando enquanto homens que nos deram abrigo têm suas casas queimadas.

O silêncio se alongou.

— Se formos lutar — disse um deles — será do nosso jeito.

Sorri.

— Agora você começou a entender.

O primeiro dever

Na manhã seguinte, não procuramos armas.

Procuramos caminhos.

O primeiro dever não seria atacar ninguém. Seria retirar aqueles que não poderiam atravessar uma marcha de emergência se a guerra chegasse de repente.

Organizamos pequenos grupos. Crianças seguiriam com adultos capazes de conduzi-las sem abandonar os idosos. Os melhores cavalos seriam reservados para deslocamentos rápidos, mas não apenas para os jovens. Carroças leves seriam mantidas prontas para quem já não montava. Algumas propriedades conhecidas poderiam receber famílias por períodos curtos, desde que seus donos concordassem.

Também precisávamos de informação.

Quem controlava cada estrada? Onde havia tropas? Quais vilas permaneciam seguras? Que proprietários ainda nos receberiam? Quem poderia fornecer alimento sem comprometer a própria família?

Era uma guerra diferente daquela que minha juventude imaginara.

Antes de enfrentar um inimigo, precisávamos impedir que os vulneráveis se tornassem vítimas.

Cavalos, ferro e confiança

Os jovens compreenderam rapidamente que aquilo que durante décadas servira à sobrevivência podia adquirir outra utilidade.

Conhecíamos cavalos.

Sabíamos avaliar um animal cansado, perceber uma ferradura mal colocada, reparar arreios e reconhecer quando uma montaria aguentaria uma travessia que parecia pequena no mapa e enorme para quem precisava fazê-la.

Trabalhávamos também com metal.

Não transformarei cada ferreiro cigano em fabricante de armas, porque isso seria outra caricatura. O metal servia antes de tudo à vida comum: ferramentas, ferragens, consertos, utensílios, peças de arreio. Numa época de guerra, porém, a capacidade de reparar rapidamente aquilo de que homens e animais dependiam tornava-se valiosa.

Mais importante do que tudo era a confiança acumulada.

Décadas de passagem haviam criado relações. Algumas frágeis. Outras antigas.

Um senhor de terras podia não defender publicamente nossa liberdade como povo, mas confiar em determinado homem de nossa família para escolher um cavalo. Um comerciante podia repetir preconceitos e ainda assim procurar-nos quando precisava de determinada peça. Um camponês podia desconfiar de nossa chegada e, depois de anos de trocas, esconder uma criança quando uma patrulha se aproximava.

A guerra não criou essas relações.

Apenas revelou o quanto poderiam valer.

A música sob pressão

Naquela fase, a velha canção voltou muitas vezes.

Não inteira.

Nunca inteira.

Às vezes eu ouvia dentro de mim apenas:

Segue, cavalo, segue,

mas não corras só por ti.

Em outras noites retornavam os versos:

Não deixes quem anda lento,

não abandones quem caiu.

Os jovens começaram a reconhecê-la.

Um deles certa vez perguntou:

— É a música daquela mulher?

Eu sabia de quem falava.

— Era.

— E agora?

Olhei para as pessoas acomodando-se para dormir.

— Agora é nossa.

A canção mudara porque eu havia mudado.

Talvez seja assim que certas lembranças sobrevivem. Guardam primeiro um rosto. Depois aprendem a guardar um caminho.

A escolha dos jovens

Não aceitei todos.

Alguns queriam a guerra pela guerra. Outros estavam fascinados pela possibilidade de saquear comboios, tomar cavalos ou devolver violência com violência. Esses não eram os homens que eu desejava colocar perto das famílias que nos davam passagem.

Houve discussões.

— O senhor está escolhendo quem é cigano o bastante para lutar? — perguntou um.

— Não. Estou escolhendo quem é responsável o bastante para voltar.

Ele ficou ofendido.

— Eu não tenho medo de morrer.

— Esse é justamente o problema.

Ele me olhou sem compreender.

— Um homem que não teme perder a própria vida pode ser corajoso. Um homem que não teme perder a vida dos outros é perigoso.

Foi uma das poucas vezes em que nenhum jovem respondeu imediatamente.

O caminho que se abria

Não nos tornamos exército.

Não precisávamos.

Éramos uma rede de famílias, trabalhadores, tratadores de animais, homens e mulheres que conheciam caminhos e pessoas. Quando necessário, um jovem podia servir de mensageiro. Outro conduzia cavalos. Alguns ajudavam a retirar famílias de áreas ameaçadas. Outros mantinham relações com proprietários e povoados que nos recebiam.

Se colaborávamos com espanhóis, fazíamos isso caso a caso.

Eu não entregaria nossa gente a uma palavra grande.

Pátria, rei, religião, honra — todas podiam ser belas. Todas também podiam ser usadas por homens que desejavam que outros morressem por elas.

Preferia nomes.

Aquela família.

Aquele povoado.

Aquela criança.

Aquele velho.

Aquele homem que um dia abriu sua propriedade para nós.

Esses eu conseguia compreender.

O que a estrela passou a significar

Algumas noites depois, procurei novamente o céu.

O cometa ainda podia ser visto.

Não senti que me observasse.

Não pensei que anunciasse vitória ou derrota.

Pensei apenas que certas coisas atravessam o céu sem pedir nossa compreensão e, ainda assim, tornam-se inseparáveis de um momento de nossa vida.

A estrela de 1769 ficara ligada à pergunta sobre permanecer ou partir.

Aquela de 1807 ficaria ligada a outra pergunta:

como conduzir jovens feridos pela memória sem entregar-lhes o futuro à vingança?

A resposta não estava no céu.

Estava no trabalho que começávamos a fazer.

Talvez por isso, tantos anos depois, quando uma estrela voltasse a aparecer em outro contexto e outra existência, alguma região profunda do espírito pudesse reconhecê-la antes da memória.

Mas isso ainda estava muito longe de mim.

Nota Histórica e Astronômica — As Estrelas com Rastro

A estrela com rastro ocupa função de memória na narrativa, mas seu suporte astronômico foi tratado separadamente. Foram escolhidos dois fenômenos reais, compatíveis com os períodos narrados, sem lhes atribuir causalidade espiritual.

O catálogo “Great Comets in History”, do Jet Propulsion Laboratory/NASA, registra o cometa Messier C/1769 P1 entre os grandes cometas históricos, com passagem ao periélio em outubro de 1769 e brilho de destaque em setembro daquele ano. O mesmo catálogo registra o Grande Cometa de 1807, C/1807 R1, observado a partir de setembro de 1807 e visível no Hemisfério Norte.

Na obra, a contemplação desses cometas pelos personagens é reconstrução narrativa. O fato astronômico é real; o encontro subjetivo com o astro pertence à memória espiritual e literária.

A estrela, portanto, não “anuncia” decisões. Ela funciona como fixação: em momentos de grande pressão, a forma luminosa desperta uma pergunta interior. Mais tarde, no universo simbólico da SERTE, a estrela volta a reunir direção, música e memória.

Ano	Fenômeno	Situação histórica	Função na narrativa
1769	C/1769 P1 (Messier)	Grande cometa histórico observado na Europa	Primeira fixação da estrela em decisões da maturidade.
1807	C/1807 R1	Grande cometa visível meses antes da crise espanhola de 1808	Reaparição da forma na velhice, antes do clamor dos jovens e da guerra.

PARTE II — O Reencontro e a Obra

Capítulo V — O Que Permanece Quando a Memória se Cala

Não sei dizer como terminou aquela existência. Há imagens que permanecem nítidas, outras chegam como sensações, e há regiões inteiras em que nada posso afirmar sem transformar silêncio em invenção.

Vejo-me velho. Vejo jovens que já não precisavam perguntar tudo a mim. Vejo crianças que haviam crescido, caminhos, cavalos e, em alguns momentos, escuto a música.

Se alguma coisa levei daquela experiência, não foi a habilidade de fugir. Foi a necessidade de não fugir sozinho. Não foi apenas a coragem de enfrentar. Foi compreender que coragem sem responsabilidade pode produzir novas vítimas.

Não foi o ódio pela perseguição. Foi o esforço de não permitir que a perseguição escolhesse o homem que eu me tornaria.

A música permanecia. A estrela também. Depois, silêncio.

Capítulo VI — Muito Tempo Depois

Não pretendo preencher os quase dois séculos seguintes com encarnações que não recordo. Seria fácil construir cidades, famílias, guerras e reencontros plausíveis. Mas plausibilidade não é lembrança.

Entre aquele velho cigano e o menino que nasceria em Florianópolis em 1955 existe uma grande região de silêncio. Não a considero vazia. Considero-a desconhecida.

O Espiritismo admite a continuidade do Espírito e a pluralidade das existências; essa convicção, porém, não autoriza identificar cada passagem sem elementos que a sustentem.

Demétrius resumiria: o desconhecido não é uma falha da narrativa. É uma fronteira ética.

Capítulo VII — 1956: A Obra Foi Plantada

Demétrius

Antes de existir a corrente desenhada em 1970, já existia uma linguagem que a preparava.

Em 26 de dezembro de 1956, sete pessoas reuniram-se num pequeno cômodo nos fundos de uma residência da Rua Monsenhor Topp, nº 24, em Florianópolis.

Chamaram aquele espaço de Ranchinho dos Trabalhadores do Espaço.

O lugar media aproximadamente 2,60 m de frente por 2,80 m de fundos. Fisicamente era quase nada. Historicamente, seria lembrado como marco do nascimento da SERTE.

O grupo ainda era pequeno. A maioria possuía pouca experiência na Doutrina Espírita. As primeiras reuniões haviam ocorrido com o chamado “copinho”, movidas sobretudo pelo desejo de contato com familiares e amigos desencarnados.

Entre os primeiros registros surgiu a frase: “Nelito, auxílio na ilha”. Na ocasião, foi recebida com cautela e até suspeita de mistificação.

Eu

Quando conheci essa história anos depois, algo me chamou a atenção.

A SERTE não começou grande.

Havia sete pessoas, um cômodo pequeno, pouca experiência, muita dúvida e desejo de continuar.

Talvez seja assim que muitas obras comecem: não com certeza, mas com disponibilidade.

Demétrius

Na reunião inaugural de 1956 aparece também linguagem que, lida hoje, parece antecipar a futura imagem da corrente.

Uma das comunicações registra que todos formavam um “grande elo de compreensão, de paz e de luz”.

Ainda não era a corrente de 1970. Mas já existia a percepção de que a força não residia em um indivíduo.

Residia na ligação.

O próprio documento resume o início com duas afirmações decisivas:

“A SERTE estava plantada.”

E, logo depois, o lema:

“Um só nada faz, é o conjunto que opera.”

Capítulo VIII — Do Núcleo Mediúnico à Responsabilidade

Demétrius

O Ranchinho não nasceu como obra assistencial. Nasceu como núcleo mediúnico.

Nas primeiras reuniões, o interesse predominante estava no intercâmbio espiritual.

As comunicações registradas, porém, insistiam em mudança de direção: não permanecer apenas no “copo giratório”, desenvolver psicografia, concentração e outras formas de trabalho, além de prosseguir para realizações maiores.

A reunião deixa, assim, de ser apenas encontro de familiares em torno da mediunidade e começa a adquirir vocação.

Eu

Uma coisa é reunir pessoas para receber uma mensagem.

Outra é permitir que aquilo que se recebe mude o que fazemos depois.

Talvez seja aí que uma reunião se transforme em obra.

Quando o sentimento sai da sala. Quando a prece exige consequência. Quando o consolo começa a pedir responsabilidade.

Demétrius

A trajetória da saga não desemboca numa instituição porque alguém decide criar uma instituição.

Ela desemboca no serviço.

A mediunidade abre a pergunta. O trabalho humano precisa responder.

Nota de Conciliação Documental sobre o Início da SERTE

O documento “Como surgiu a SERTE”, que descreve a inauguração do Ranchinho em 26 de dezembro de 1956, situa-o na Rua Monsenhor Topp, nº 24, e registra sete presentes naquela reunião. Relatórios retrospectivos posteriores utilizam, em alguns trechos, setembro de 1956, nove trabalhadores e comprimem etapas geográficas da história.

Nesta revisão, o documento mais próximo do acontecimento foi adotado como referência para a inauguração do Ranchinho. As menções posteriores são preservadas como memória institucional, mas não usadas para deslocar o Ranchinho para Cachoeira do Bom Jesus. A expansão material e assistencial em Cachoeira é tratada como etapa posterior.

Capítulo IX — Eu Chego sem Saber

Nasci em 1955. Nada daquela história significava alguma coisa para mim.

Quando criança, adoeci de maneira que preocupou profundamente minha família. Segundo a lembrança familiar, a febre chegou perto de quarenta graus e depois caiu abruptamente. Os médicos não convergiam numa explicação. Registro isso como memória familiar, não como prova de diagnóstico espiritual.

Meu pai procurou Nelito. A orientação recebida foi retirar-me do quarto onde eu dormia e levar-me aos trabalhos mediúnicos ligados ao Ranchinho. Foi assim que Nelito entrou na minha história antes que eu pudesse compreender sua importância.

Para mim, ele era apenas o homem que meu pai consultara. Não reconheci companheiro antigo, não ouvi música, não vi Espanha. Se alguma coisa existia no fundo da memória, permanecia silenciosa.

Anos depois, já adolescente, meu pai me aproximaria mais diretamente da SERTE. Eu começaria apenas a estar ali.

Capítulo X — 1967: A Primeira Despedida

Demétrius

Há documentos que registram acontecimentos. Outros registram o homem diante da possibilidade de não participar mais deles.

A carta de Nelito, datada de 1967, pertence a essa segunda espécie.

Ele acreditava estar diante da possibilidade próxima da desencarnação. Por isso escreve.

Não para explicar sua biografia. Escreve preocupado com aqueles que permaneceriam.

É uma das primeiras ocasiões em que podemos aproximar-nos de sua voz sem reconstruí-la.

Eu

Quando leio aquela carta hoje, não consigo separá-la do homem que conheci.

Nelito pensava que estava se despedindo. Mas não se despedia falando de si.

Falava da SERTE, dos companheiros, do trabalho e da necessidade de permanecerem unidos.

Isso me toca especialmente porque, anos mais tarde, eu próprio responderia quase por acaso à pergunta sobre como deveria ser nossa corrente: eles juntos, mas não amarrados.

Em 1967 aquela imagem ainda não estava desenhada. Mas a preocupação já estava presente.

Como permanecer juntos quando aquele que vinha conduzindo deixa de estar?

Demétrius

A antiga aprendizagem comercial reaparece aqui sob nova exigência.

O comerciante aprendera a mobilizar pessoas. O fundador precisava enfrentar agora a consequência mais difícil dessa capacidade: preparar pessoas para continuarem sem ele.

Liderar enquanto estamos presentes é uma coisa. Formar continuidade para quando estivermos ausentes é outra.

Nelito acreditava que sua hora podia estar chegando. Seu pensamento volta-se para a equipe, para a união, para o propósito e para o serviço.

Capítulo XI — 1969: Quando a Palavra Veio de Fora

Demétrius

Há palavras que inventamos para explicar uma experiência. E há palavras que chegam depois da experiência e parecem reconhecê-la.

REDENÇÃO pertence, nesta história, à segunda espécie.

Em 23 de setembro de 1969, em Uberaba, Francisco Cândido Xavier recebeu, em reunião da Comunhão Espírita Cristã, um soneto atribuído mediunicamente a Cruz e Sousa, intitulado “Redenção”.

O poema fala de cruz, provação, humilhação, sofrimento, calvário, perdão, futuro, serviço e amor. Não promete que a dor desaparecerá; propõe que ela possa ser atravessada sem destruir aquele que a atravessa.

A palavra veio de fora. Mas encontrou terreno preparado.

Eu

Quando encontrei a palavra REDENÇÃO, ela não me pareceu estranha.

Não era apenas uma palavra bonita. Trazia uma espécie de gravidade.

Hoje, olhando para trás, penso naquela outra existência: a prisão, a perda, a raiva, a vontade de recuperar os meus, a necessidade de escolher entre vingança e proteção.

Quando leio hoje a ideia de servir, perdoar e crer, não penso numa ordem para aceitar passivamente a injustiça.

Penso em algo muito mais difícil: continuar servindo depois de ter conhecido razões suficientes para odiar.

Talvez isso seja redenção.

Demétrius

Redenção, nesta narrativa, não significa sofrimento como castigo necessário. Também não significa agradecer ingenuamente pela violência recebida.

A transformação moral não absolve o agressor de sua responsabilidade.

A violência continua sendo violência. A injustiça continua sendo injustiça.

O que muda é aquilo que o ofendido fará com o que lhe aconteceu.

A expressão encontrada por Hélio talvez seja mais precisa:

resignação com persistência.

Aceitar que determinado fato aconteceu. Recusar-se a permitir que ele determine o fim da história.

Capítulo XII — REDENÇÃO

Eu

Hoje compreendo por que aquela palavra me tocou.

REDENÇÃO.

Não porque eu desejasse apagar o passado. Uma história apagada não ensina.

Também não desejava que o sofrimento fosse glorificado. Sofrer não torna ninguém automaticamente melhor.

Talvez durante muito tempo eu tivesse desejado redenção sem conhecer a palavra.

Desejei-a quando precisei escolher entre correr sozinho e permanecer com os mais lentos. Quando percebi que a mulher que amava não era algo a conquistar. Quando precisei ensinar aos jovens que a memória da perseguição não deveria transformar-se em licença para perseguir.

E talvez Nelito também a tivesse desejado à sua maneira, quando precisou descobrir que persistência não é domínio, que convencer não é possuir, que reunir pessoas não significa subordiná-las.

Demétrius

Quando REDENÇÃO entra no universo simbólico da SERTE, encontra terreno antigo.

A estrela fixara direção. As músicas fixaram sentimentos. A corrente fixaria o modo de permanecer juntos.

REDENÇÃO fixaria a transformação.

Não queremos uma redenção triunfalista. Queremos resignação com persistência.

Algo que possa dizer: fui ferido; não nego a ferida; não permitirei que ela seja a última palavra.

A estrela indica direção. A corrente reúne. A redenção transforma. E tudo somente encontra sentido quando se torna serviço.

Capítulo XIII — 1970: A Corrente

Demétrius

Há momentos em que uma ideia espiritual não nasce como doutrina, nem como revelação, nem como símbolo previamente concebido. Nasce porque alguém precisa desenhar alguma coisa.

Em 1970, a SERTE ainda estava em processo de construção material e institucional. Numa reunião realizada na casa da família de Hélio, seu pai — então secretário da instituição — discutia, com outros integrantes, uma imagem que pudesse representar a união necessária à obra.

Queriam uma corrente. Mas ainda não sabiam exatamente como desenhá-la.

Do lado de fora, num terreno aberto, mais de vinte crianças brincavam. Entre elas estava Hélio, adolescente, que havia acabado de lidar com um problema muito concreto: a corrente quebrada de sua bicicleta.

Eu

Meu pai saiu de casa. Havia uma reunião acontecendo lá dentro. Eu sabia que discutiam assuntos da SERTE, mas não acompanhava aquelas conversas.

Naquele período eu estava às voltas com a corrente quebrada da minha bicicleta. Eu havia mexido nos elos e nos pinos, tentando compreender como uma peça se ligava à outra.

Meu pai aproximou-se e perguntou, em essência, como deveria ser uma corrente.

Respondi quase imediatamente:

— Ahh, tem que ser de elos juntos, mas não amarrados.

Não pensei em filosofia. Não pensei em Espiritismo. Não pensei em símbolo. Pensei numa corrente.

Cada elo precisava continuar sendo um elo. Um não precisava desaparecer dentro do outro. Um não precisava prender o outro. Eles apenas precisavam permanecer juntos.

Demétrius

É preciso deter-se aqui, porque a leitura retrospectiva poderia transformar a cena numa revelação. Não faremos isso.

Em 1970 havia uma situação concreta: uma reunião, uma pergunta, um adolescente e a experiência imediata de uma corrente de bicicleta.

Mas existe também uma camada interpretativa. O adolescente que respondeu “elos juntos, mas não amarrados” é o mesmo homem que, décadas depois, reconstruiria uma memória na qual liberdade e pertencimento haviam sido problemas centrais.

Na antiga estrada, ninguém sobrevivia sozinho. Mas permanecer unido não deveria significar perder a própria direção.

Por isso a frase adquire hoje um significado maior do que aquele que provavelmente possuía no instante em que foi pronunciada:

Juntos, mas não amarrados.

Eu

Quando hoje olho para aquela imagem, compreendo uma coisa que naquela idade eu não saberia formular.

A corrente que imaginei não prende. Ela aproxima.

Os elos ficam lado a lado. Encostados. Não atravessam uns aos outros. Não são trançados. Não estão algemados.

São como:

oooooooo

Um elo toca o outro e permanece inteiro.

Talvez eu dissesse hoje que permanecem unidos como se houvesse entre eles uma atração, como por um ímã. Não magnetismo físico, mas afinidade, vontade e amor.

Se um elo permanecesse ali apenas porque o outro o prendia, aquilo já não seria a corrente que imaginei.

O valor estava justamente na possibilidade de separar-se e, apesar disso, permanecer.

Demétrius

É uma diferença pequena no desenho e imensa no significado.

Uma corrente tradicional depende do entrelaçamento. A corrente concebida por Hélio depende da escolha.

Ela só existe enquanto seus componentes desejam permanecer próximos.

Isso introduz uma ideia moralmente exigente: a união verdadeira precisa ser renovada.

Não há ferro suficiente para garantir fidelidade. Não há estatuto suficiente para produzir fraternidade. Não há instituição capaz de substituir a decisão íntima de permanecer ligado ao outro.

Por isso o lema da SERTE dialoga tão profundamente com essa imagem:

“Um só nada faz, é o conjunto que opera.”

Capítulo XIV — O Amor que Não Amarra

Eu

Demorei muitos anos para encontrar a palavra. Talvez ela estivesse diante de mim desde o começo.

Amor.

Mas não o amor que exige. Não o amor que possui. Não aquele que diz ao outro: “você precisa permanecer comigo porque eu preciso de você”.

O amor que imagino na corrente é diferente. Ele diz: “você pode ir” e, ainda assim, pergunta: “quer caminhar conosco?”

Talvez seja essa a diferença entre elo e nó.

O nó depende do aperto. O elo que pensei depende da proximidade.

O nó teme que alguém escape. O elo confia.

Por isso, se algum dia alguém perguntar o que une aqueles círculos que nem sequer estão presos entre si, talvez a resposta mais simples seja:

amor.

Não como sentimento decorativo. Como decisão.

Demétrius

Em 1749, o amor ainda era sobretudo proteção dos seus. Em 1769, começava a tornar-se responsabilidade pelos mais lentos. Em 1808, ampliava-se até alcançar homens que não pertenciam ao mesmo povo, mas haviam demonstrado humanidade. No século XX, torna-se serviço institucional.

A trajetória é da obrigação para a escolha, da sobrevivência para a solidariedade, da identidade fechada para a responsabilidade compartilhada.

A corrente não se fortalece porque os elos estão impossibilitados de fugir. Fortalece-se porque, podendo partir, permanecem.

E talvez seja justamente aí que comece outra palavra que ainda teremos de compreender:

REDENÇÃO.

Capítulo XV — Estrelinha Cintilante

As quintas-feiras tinham um som. Entre os trabalhos mediúnicos conduzidos por Nelito, “Estrelinha Cintilante” passou a ser cantada na abertura.

Não é necessário atribuir à canção propriedade sobrenatural para compreender sua força. Uma música repetida em determinado contexto associa-se às pessoas, ao ambiente, à expectativa e ao sentimento. Torna-se memória.

Para Nelito, a estrela ficou ligada a uma melodia do trabalho espiritual. Em mim, outra música ocupava lugar semelhante: a antiga canção cigana ligada à flor, ao caminho e às decisões.

Não afirmamos que uma música comprove a outra. O que permanece é a recorrência: estrela e música como fixações afetivas diferentes, que mais tarde convergem na experiência da SERTE.

A estrela fixava direção. A música fixava sentimento. Juntas preservavam aquilo que a memória não conseguia dizer por inteiro.

Capítulo XVI — Até 1974: Sete Anos que Ainda Restavam

Demétrius

A despedida de 1967 não seria a última.

Nelito permaneceria até 1974.

Isso impede que transformemos a carta em presságio realizado. Ela é algo mais humano: um homem sente a possibilidade da morte, organiza interiormente sua despedida e depois continua vivendo e trabalhando.

Eu

Depois daquela carta, ele permaneceu.

Continuou comandando a SERTE. Continuou participando das reuniões. Continuou reunindo pessoas.

Quando, em 1970, meu pai saiu daquela reunião em nossa casa e perguntou às crianças como deveria ser desenhada a corrente, Nelito ainda vivia.

Isso é importante: o símbolo surgiu durante o tempo em que sua liderança ainda acompanhava a obra.

Demétrius

A cronologia começa a produzir uma convergência delicada:

1956: o Ranchinho é inaugurado; fala-se em elo, grupo, continuidade e obra.

1967: Nelito, imaginando que pode desencarnar, preocupa-se com aquilo que ficará.

1969: chega externamente o poema intitulado REDENÇÃO.

1970: surge concretamente a formulação visual da corrente.

1974: Nelito desencarna.

Não precisamos atribuir causalidade sobrenatural à sequência. Basta reconhecê-la.

Capítulo XVII — Júlia e a Continuidade

Demétrius

Quando Nelito finalmente parte, a SERTE não fica sem história nem sem pessoas.

Sua sucessora é Júlia Cascaes Pereira, sua esposa.

Essa passagem não deve ser reduzida a “a esposa do fundador assume”. Júlia possuía trajetória própria e também vinha de família ligada ao comércio local de Florianópolis.

Não devemos projetar sobre ela características pessoais ainda não documentadas.

O que já podemos afirmar, segundo a memória institucional de Hélio, é que ela sucede Nelito na condução da SERTE.

Eu

Júlia não ocupava simplesmente o lugar vazio de Nelito.

Ninguém ocupa o lugar de outra pessoa.

Se os elos fossem amarrados, retirar um deles quebraria toda a estrutura.

Mas eles não eram.

ooooooooo

Um próximo do outro.

A ausência de um elo modifica o conjunto. Dói. Deixa espaço. Mas não condena os demais à imobilidade.

Outro pode assumir responsabilidade sem precisar transformar-se naquele que partiu.

Júlia não precisava ser Nelito. Precisava continuar servindo.

Capítulo XVIII — 1975: Depois da Partida

Demétrius

Nelito desencarna em 1974.

No ano seguinte, surge um registro que, dentro da tradição mediúnica ligada à SERTE, é apresentado como comunicação sua.

Trata-se de mensagem psicografada em reunião de 11 de outubro de 1975, na SEOVE, no Campeche.

Não é carta escrita por Nelito ainda encarnado. É mensagem atribuída a ele mediunicamente.

Isso não constitui prova histórica da sobrevivência da personalidade. Dentro da narrativa espiritual da obra, contudo, possui importância evidente porque nela reaparece a preocupação com a continuidade.

Nelito — pela mensagem atribuída a ele em 1975

A mensagem começa dirigindo-se diretamente a Hélio:

“Hélio, aonde estás tu, e, aonde estou eu?”

Mais adiante, o texto afirma que o túmulo não teria encerrado as preocupações, o entusiasmo ou mesmo o desânimo, e reconhece que a parte que lhe competia realizar na Terra havia terminado.

A obra, porém, deveria permanecer de pé.

A recomendação central é conservar como base o Evangelho do Cristo; sem ele, a obra correria o risco de tornar-se apenas um amontoado de cinzas.

Capítulo XIX — Hélio é Chamado pelo Nome

Eu

Há uma diferença entre conhecer uma mensagem dirigida a um grupo e ler uma mensagem em que nosso nome aparece.

Aquela começava: Hélio.

Eu ainda era jovem.

E a recomendação que me alcançava não era leve.

A SERTE precisaria de mim e dos companheiros que estavam comigo.

O texto falava de prece, amor, concordâncias e discordâncias.

Uma frase me toca especialmente:

“nossas uniões e desuniões de pensamento, nos momentos de decisões, faziam parte do programa.”

Talvez essa seja uma das melhores explicações da corrente: elos próximos, não fundidos, não presos, não obrigados a pensar da mesma maneira.

Demétrius

E então vem outra frase essencial:

“Vamos dar oportunidade a outros de realizarem alguma coisa.”

Se cada elo conserva identidade, a obra não pode ser apenas repetição dos fundadores.

Novos homens e mulheres precisam de espaço para assumir responsabilidade.

A corrente que não aceita novos elos transforma-se em relíquia. A corrente que exige que todo novo elo copie o anterior transforma-se em prisão.

Capítulo XX — A Obra Entre Gerações

A continuidade da SERTE passou por diferentes presidências e grupos de trabalho. Minha mãe presidiu a instituição entre 1989 e 1992. Esse período pertence à mesma lógica de sucessão que a corrente representa: responsabilidades mudam de mãos sem que a finalidade precise mudar.

Não pretendo transformar cada gestão em capítulo administrativo. Importa reconhecer que a obra chegou ao final do século XX como construção de muitas pessoas, submetida a novas leis, novos conceitos de assistência social e novas exigências de gestão.

Foi nesse ambiente que, em 1998, uma nova orientação atribuída a Nelito chegaria à instituição.

Capítulo XXI — 1998: A Missão se Torna Técnica

Demétrius

Mais de duas décadas passam.

Em 25 de novembro de 1998, às cinco horas da manhã, o professor Octávio Melquíades Ulisséa registra uma experiência espiritual atribuída a Nelito e transmite aos dirigentes da SERTE orientações para a instituição.

Novamente distinguimos os níveis: o documento registra uma experiência mediúnica atribuída a Nelito; não a tratamos como comprovação científica de comunicação pós-morte.

Podemos, porém, avaliar objetivamente seu conteúdo e os efeitos institucionais posteriores.

As orientações são notavelmente administrativas: criação de comissão especializada com liberdade para propor reformas, profissionalização da ação assistencial, ocupação racional do espaço físico, busca de parcerias, planejamento e sustentabilidade.

E fixa-se uma prioridade assistencial clara:
idoso-criança.

Eu

Quando leio essas orientações hoje, uma expressão me toca especialmente:
idoso-criança.

Na antiga estrada, eram exatamente os dois grupos que mais exigiam cuidado durante uma fuga.

A criança não acompanha o passo do adulto. O velho já não acompanha o passo do jovem.

Em 1769, diante da estrela, a pergunta que reconstruímos foi: de que vale encontrar um caminho se nem todos conseguem percorrê-lo?

Em 1808, a prioridade foi retirar crianças e idosos dos caminhos por onde a guerra passaria.

E, em 1998, a instituição recebe orientação que fixa exatamente esse binômio.

Não digo que isso prove a narrativa. Mas seria desonesto dizer que a correspondência não me impressiona.

Capítulo XXII — Quando a Missão Encontra a Administração

Demétrius

As orientações de 1998 não ficaram apenas no registro.

Segundo o documento, a SERTE constituiu a comissão proposta, reviu o Estatuto Social, estruturou Conselho de Administração e Conselho de Curadores e elaborou Plano Diretor para expansão das atividades e sustentabilidade institucional.

Agora conseguimos observar uma verdade simples: o serviço precisa de estrutura.

Boa vontade é necessária, mas não suficiente.

Amor não dispensa planejamento. Caridade não dispensa competência. Espiritualidade não substitui contabilidade, gestão, responsabilidade técnica ou planejamento.

Quando o serviço cresce, o compromisso moral exige que essas dimensões sejam bem cuidadas.

Eu

Talvez tenha sido justamente isso que aprendi dentro da SERTE.

O amor precisa chegar ao outro. Se não chega, ficou apenas em nós.

Para alcançar uma criança, precisa de gente, alimento, casa, profissional, dinheiro e gestão.

Para cuidar de um idoso, a mesma coisa.

A administração não é o oposto do amor.

Quando bem realizada, é uma das formas de fazê-lo chegar ao destino.

PARTE III — O Serviço

Capítulo XXIII — 1999: Um Livro Ainda em Branco

Demétrius

Antes de examinar aquilo que a gestão realizou, há um documento pequeno que ajuda a compreender o estado interior com que Hélio entrou naquele período.

Em 13 de dezembro de 1999, Marília lhe entrega uma mensagem atribuída mediunicamente a Emmanuel. O texto compara a existência terrena a um livro que se escreve a cada dia e recomenda que as boas obras se tornem “frases de luz”, que a indulgência acompanhe o caminho e que se crie ao redor do próprio coração uma área de amor capaz de orientar a vida individual e servir de auxílio aos que seguem os mesmos passos.

Não utilizaremos essa mensagem para demonstrar predestinação. Seu valor, nesta narrativa, é outro: ela chega no limiar de um ciclo de responsabilidade e coloca diante de Hélio uma exigência muito concreta — transformar convicção em biografia.

A vida, dizia a mensagem, seria um livro escrito pelas respostas dadas às pessoas e às situações.

Poucos meses depois, essa metáfora deixaria de ser apenas íntima.

Ela encontraria orçamento, empregados, idosos, crianças, conselhos, patrimônio, déficits, obras, reuniões e decisões.

Capítulo XXIV — A Orientação e a Resposta Institucional

Demétrius

Para saber se Hélio cumpriu, ao menos em parte, aquilo que a orientação atribuída a Nelito propunha em 1998, não é necessário recorrer à mediunidade. Basta comparar documentos.

A orientação de 1998 pedia uma comissão técnica com liberdade para propor reformas profundas; profissionalização da assistência; prioridade ao binômio idoso-criança; ocupação racional do patrimônio; cronograma e orçamento; descentralização de poder; colaboradores com funções definidas; busca de organismos de fomento e transparência na destinação dos recursos.

Os documentos da gestão mostram respostas concretas em quase todos esses eixos.

Foi estruturado um modelo de administração participativa, com Conselho de Administração, coordenações setoriais, gerências técnicas e Fórum Permanente Participativo. O planejamento estratégico passou a ser instrumento formal da gestão.

O Grupo de Estudos para o Plano de Auto-Sustentação — GEPAS — e o Comitê Técnico assumiram o estudo do patrimônio e do Plano Diretor. Foram elaborados cenários, zoneamentos, propostas de uso, projetos de geração de renda e alternativas de expansão assistencial.

A profissionalização aparece na política de cargos e salários, na ampliação das equipes técnicas e na incorporação de psicologia, fisioterapia, enfermagem, serviço social, odontologia e outros serviços especializados.

A prioridade idoso-criança permaneceu explícita tanto na formulação conceitual quanto na prestação concreta dos serviços.

A gestão também ampliou a presença da SERTE nos conselhos de direitos e de políticas públicas, inserindo assistência social, criança, idoso, deficiência e cidadania no horizonte institucional.

Há, portanto, correspondência documental entre a orientação registrada em 1998 e uma parte relevante do reordenamento executado nos anos seguintes.

Capítulo XXV — O Que se Tornou Serviço

Demétrius

Os documentos de 2006 a 2008 permitem separar intenção de execução.

Foram realizadas, entre outras medidas: unificação de títulos imobiliários; criação ou fortalecimento de estruturas colegiadas; implantação de política de cargos e salários; organização de setor de captação de recursos; consolidação do Plano Diretor; criação do GEPAS e de comitês técnicos; construção do Centro Espírita Irmão Erasto; recuperação de instalações assistenciais; ampliação de serviços de saúde; criação do Memorial de Nelito; formação de trabalhadores; institucionalização do trabalho voluntário; desenvolvimento de fóruns participativos; participação em conselhos sociais e de direitos; e produção de instrumentos voltados à transparência e ao planejamento.

Em 2007, os relatórios registram 80 leitos para idosos, 25 crianças em acolhimento, 120 crianças na educação infantil, mais de 100 famílias acompanhadas, 102 trabalhadores especializados e mais de 224 voluntários nas Obras Assistenciais.

Os dados financeiros mostram, ainda, uma preocupação permanente em manter as principais receitas acima da despesa salarial, com diversificação de fontes por doações, convênios e mecanismos de captação.

Nada disso permite dizer que todos os problemas institucionais tenham sido resolvidos.

Permite dizer algo mais preciso: a SERTE deixou de depender exclusivamente da lógica carismática e da improvisação financeira e passou a incorporar planejamento, normas, profissionais, indicadores, prestação de contas e participação.

Capítulo XXVI — O Que Ficou Preparado

Demétrius

Nem tudo o que foi pensado foi executado.

O Plano de Desenvolvimento Sócio-Econômico e Espiritual projetava um salto maior: auto-sustentação patrimonial, integração com o desenvolvimento do Norte da Ilha, expansão de equipamentos assistenciais, novas estruturas para idosos e crianças, universidade livre, profissionalização, equipamentos de saúde, espaços comunitários e modelos de geração de renda.

O próprio documento registra dificuldades jurídicas, urbanísticas, econômicas e mercadológicas. Projetos residenciais e comerciais foram estudados, negociados e reformulados. Parte permaneceu em fase de prospecção.

É exatamente aqui que a avaliação precisa ser sóbria.

A gestão não realizou integralmente a visão de auto-sustentação.

Mas deixou instrumentos para que ela pudesse continuar sendo buscada: patrimônio unificado, estudos técnicos, zoneamento identificado, Plano Diretor, modelo colegiado, cultura de planejamento, interlocução externa e projetos já formulados.

Portanto, a expressão correta não é “missão cumprida integralmente”.

É: tarefa avançada, institucionalizada e deixada com continuidade possível.

Capítulo XXVII — Eu Não Precisava Ser Nelito

Eu

Quando olho esses documentos agora, não vejo uma repetição daquilo que Nelito fez.

Também não deveria haver.

Ele viveu seu tempo.

Mobilizou pessoas quando a obra ainda precisava nascer. Convenceu, buscou apoio, reuniu recursos e sustentou uma visão que, na matéria, quase nada possuía.

Quando chegou a minha vez, o problema já era outro.

A obra existia.

Precisava sobreviver sem depender apenas da memória dos fundadores.

Precisava reconhecer direitos de crianças e idosos.

Precisava pagar empregados corretamente.

Precisava prestar contas.

Precisava dialogar com o Poder Público.

Precisava compreender seu patrimônio.

Precisava profissionalizar-se sem deixar de ser espírita.

Talvez eu não tivesse de continuar o gesto de Nelito.

Tinha de continuar a finalidade.

Hoje penso que foi isso que procurei fazer.

Não posso afirmar que acertei sempre.

Os próprios documentos registram projetos que não se completaram, metas que permaneceram para o futuro e dificuldades que não foram vencidas.

Mas consigo reconhecer uma direção.

Aquilo que um dia fora capacidade de sobreviver tornou-se organização para acolher.

Aquilo que fora habilidade de negociar tornou-se esforço para sustentar.

Aquilo que fora necessidade de proteger os meus tornou-se compromisso com pessoas que muitas vezes eu nem conhecia.

Capítulo XXVIII — Da Vivência ao Serviço

Demétrius

Esta é a pergunta mais delicada do livro.

Se for formulada como pergunta histórica — “Hélio e Nelito provaram ter cumprido uma missão espiritual originada em vidas anteriores?” — a resposta precisa ser não.

A documentação não pode demonstrar isso.

Se, porém, a pergunta for outra — “as capacidades atribuídas às experiências anteriores encontram correspondência em condutas concretas voltadas ao serviço?” — então a resposta é defensável.

Nelito aparece, documentalmente, ligado à fundação, mobilização e continuidade da obra. A orientação atribuída a ele em 1998 insiste em profissionalização, descentralização, planejamento, patrimônio, parcerias e no binômio idoso-criança.

Nos anos seguintes, documentos administrativos registram medidas correspondentes a esses eixos.

Hélio, por sua vez, não apenas preservou o atendimento. Procurou deslocar a instituição do assistencialismo para a cidadania, da improvisação para o planejamento, da dependência carismática para a administração participativa, e do atendimento genérico para a proteção de direitos.

Dentro da hipótese espiritual que sustenta a saga, isso permite uma leitura coerente: duas experiências diferentes teriam produzido competências distintas que, no reencontro, encontraram finalidade comum.

Não é prova de egrégora.

É coerência de trajetória.

E talvez seja tudo o que uma narrativa responsável possa afirmar.

Capítulo XXIX — 2008: Entregar para que Outros Continuem

Demétrius

O relatório de 2008 funciona, em si mesmo, como despedida.

Não é uma carta sentimental.

É um balanço.

Hélio registra o trabalho como construção coletiva, reconhece a possibilidade de erros, descreve as ações executadas, apresenta dados, identifica limites e deixa perspectivas futuras.

Isso importa porque o documento não encerra a instituição em sua gestão.

Ao contrário, planeja o que deveria vir depois.

O próprio conceito da corrente reaparece sem precisar ser desenhado: uma liderança que encerra seu período e deixa estruturas para que outros trabalhem.

É a mesma lógica contida na mensagem atribuída a Nelito em 1975: dar oportunidade para que outros realizem.

A continuidade não exige permanência no cargo.

Exige que o próximo elo encontre onde tocar.

Convergência da Vivência ao Serviço

Os documentos permitem reconhecer correspondências concretas sem transformar essas correspondências em prova espiritual. A orientação atribuída a Nelito em 1998 insistia em comissão técnica, profissionalização, prioridade ao binômio idoso-criança, planejamento patrimonial, parcerias, descentralização e transparência.

Nos anos seguintes, os registros da SERTE mostram GEPAS e Comitê Técnico, planejamento estratégico, Conselho de Administração, fóruns participativos, política de cargos e salários, ampliação de equipes técnicas, unificação patrimonial, Plano Diretor, mecanismos de captação, presença em conselhos públicos e manutenção explícita do atendimento a idosos e crianças.

Nem tudo foi executado. A auto-sustentação integral e parte dos grandes equipamentos projetados permaneceram para o futuro. A formulação mais precisa, portanto, não é “missão concluída”, mas tarefa avançada, institucionalizada e deixada em condições de continuidade.

Na leitura espiritual proposta pelo livro, o que importa não é demonstrar que duas existências produziram uma instituição. Importa perceber que competências atribuídas às experiências anteriores — proteção, liderança, persistência, negociação, organização e responsabilidade — encontram, na SERTE, uma finalidade moral concreta: servir.

Capítulo XXX — Acordes Finais

Eu

Passei muitos anos olhando para essas coisas separadamente.

A estrela.

A música.

A corrente.

REDENÇÃO.

Nelito.

Júlia.

Meu pai.

Minha mãe.

As crianças.

Os idosos.

A SERTE.

Talvez eu precisasse envelhecer para perceber que não eram peças de uma resposta.

Eram elos.

Nenhum estava amarrado ao outro.

Apenas permaneciam próximos o bastante para que eu pudesse enxergar a corrente.

Na Espanha, eu aprendera — ou assim hoje reconstruo — que a liberdade de um homem pouco vale quando ele abandona aquele que não consegue acompanhá-lo.

Nelito teria aprendido, em outras experiências, que liderança, persuasão e patrimônio podem servir ao orgulho ou ao bem, conforme a finalidade que os governa.

Séculos depois, aquilo que fora sobrevivência encontrou aquilo que fora organização.

E ambos encontraram o serviço.

A estrela não nos deu ordens.

Talvez apenas tenha fixado direção.

A música não explicou a memória.

Talvez tenha fixado sentimento.

A corrente não nos prendeu.

Apenas lembrou que ninguém realiza sozinho.

E REDENÇÃO não apagou aquilo que fomos.

Deu-nos a possibilidade de fazer diferente.

Hoje, se me perguntarem o que restou de toda esta história, não responderei com uma prova.

Responderei com uma obra.

Uma obra feita por muitos.

Elos inteiros.

Livres.

Próximos.

oooooooo

Talvez seja isso, afinal, que o amor faz.

Não amarra.

Aproxima.

E quando essa aproximação se transforma em cuidado, trabalho, responsabilidade e continuidade, recebe um nome simples:

SERVIÇO.

A direção possível — O serviço que permanece

Esta narrativa começou com imagens dispersas e termina diante de uma consequência concreta.

Não foi possível, nem seria metodologicamente adequado, provar identidades reencarnatórias por meio da História. A Grande Prisão de 1749, as libertações, os cometas, a Guerra Peninsular e os documentos da SERTE estabelecem marcos verificáveis; a presença pessoal dos personagens em determinados acontecimentos pertence ao campo da memória mediúnica e da reconstrução literária.

A documentação da SERTE, por sua vez, permite acompanhar uma transformação real: de um pequeno núcleo mediúnico para uma instituição assistencial submetida ao desafio de profissionalizar-se, planejar, prestar contas, proteger direitos e sustentar o atendimento a crianças e idosos.

A estrela, a música, a corrente e REDENÇÃO não precisam ser compreendidas como sinais que provam uma missão. Podem ser lidas como fixações de sentido. A estrela recorda direção; a música, sentimento; a corrente, união sem aprisionamento; REDENÇÃO, a possibilidade de transformar experiência sofrida em nova conduta.

O passo significativo em direção ao serviço ocorre quando aquilo que foi aprendido deixa de servir à preservação do próprio grupo e passa a beneficiar o outro. Nesse ponto, a história de Nelito e a minha já não precisam ser iguais. Precisam apenas encontrar finalidade comum.

A SERTE é, nesta obra, esse lugar de encontro.

Não como troféu de uma missão cumprida. Como trabalho entregue a muitos elos.

Elos inteiros. Livres. Próximos.

oooooooo

E, justamente porque não estão amarrados, a continuidade depende sempre de nova escolha.

Referências Bibliográficas e Fontes Documentais

ABREU FILHO, Hélio. Dossiê documental próprio sobre a história da Sociedade Espírita de Recuperação, Trabalho e Educação — SERTE. Florianópolis, s.d. Coleção particular organizada pelo autor, ex-presidente da SERTE (1999–2008), composta por cópias de documentos históricos, registros institucionais, correspondências, mensagens, fotografias e anotações.

ABREU FILHO, Hélio. Plano de Desenvolvimento Sócio-Espiritual para o Norte da Ilha de Santa Catarina: Programa de Auto-Sustentação. SERTE, 2006.

ABREU FILHO, Hélio. SERTE — 50 anos de amor ao próximo: momento de agradecer — gestão 2000–2008. Florianópolis, 2008.

ABREU FILHO, Hélio; WOLTER, Lenir. SERTE — Uma História de Amor. Florianópolis, 1990.

ABREU FILHO, Hélio (org.). Como surgiu a SERTE: a inauguração do Ranchinho — 26 de dezembro de 1956. Documento integrante do dossiê documental do autor.

CRUZ E SOUSA [atribuição mediúnica]. Redenção. Psicografado por Francisco Cândido Xavier em reunião da Comunhão Espírita Cristã, Uberaba, 23 set. 1969. Texto preservado em reprodução no dossiê utilizado pelo autor.

DRUCKER, Peter F. Administração de organizações sem fins lucrativos. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1995.

ESDAILE, Charles J. The Peninsular War: A New History. London: Penguin, 2003.

GÓMEZ ALFARO, Antonio. La gran redada de gitanos: España, la prisión general de gitanos en 1749. Madrid: Presencia Gitana, 1993.

GÓMEZ URDÁÑEZ, José Luis. La Real Casa de Misericordia de Zaragoza, cárcel de gitanas (1752–1763). In: SOBALER SECO, María de los Ángeles; GARCÍA FERNÁNDEZ, Máximo (coord.). Estudios en homenaje al profesor Teófanos Egido. Valladolid: Junta de Castilla y León, 2004. v. 1, p. 329–343.

JET PROPULSION LABORATORY — NASA. Great Comets in History. Solar System Dynamics. Disponível em: https://ssd.jpl.nasa.gov/sb/great_comets.html. Consulta técnica para C/1769 P1 (Messier) e C/1807 R1. Acesso em: 8 set. 2026.

KARDEC, Allan. A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. Versão digital consultada em KardecPedia. Disponível em: <https://kardecpedia.com/obra/15>. Acesso em: 8 set. 2026.

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. Versão digital consultada em KardecPedia. Disponível em: <https://kardecpedia.com/obra/13>. Acesso em: 8 set. 2026.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. Versão digital consultada em KardecPedia. Disponível em: <https://kardecpedia.com/obra/2>. Acesso em: 8 set. 2026.

MARÍLIA. Mensagem entregue a Hélio em 13 dez. 1999, atribuída mediunicamente a Emmanuel. Manuscrito preservado no dossiê de Hélio Abreu Filho.

MARTÍNEZ MARTÍNEZ, Manuel. Clamor y rebeldía: las mujeres gitanas durante el proyecto de exterminio de 1749. *Historia y Política*, n. 40, p. 25–51, 2018. DOI 10.18042/hp.40.02.

MARTÍNEZ MARTÍNEZ, Manuel. Los gitanos y las gitanas de España a mediados del siglo XVIII: el fracaso de un proyecto de “exterminio” (1748–1765). Almería: Universidad de Almería, 2014.

NELITO [atribuição mediúnica]. Mensagem psicografada dirigida a Hélio. Reunião de 11 out. 1975, SEOVE, Campeche, Florianópolis. Reprodução integrante do dossiê de Hélio Abreu Filho.

OMAN, Charles. *A History of the Peninsular War*. Oxford: Clarendon Press, 1902–1930. 7 v.

PEREIRA, Leonel Timóteo (Nelito). Carta aos companheiros da SERTE. 4 jan. 1967. Manuscrito preservado no dossiê de Hélio Abreu Filho.

SERTE. Relatório de Atividades — Obras Sociais — 50+1 — 1956–2007. Florianópolis, 2007.

ULISSÉA, Octávio Melquíades. Orientação espiritual atribuída a Nelito — 25 nov. 1998. Documento preservado no dossiê de Hélio Abreu Filho.

Nota Final sobre o Estatuto das Fontes

Os documentos institucionais e administrativos são utilizados como evidência das ações, estruturas, decisões e projetos que registram. As mensagens psicografadas e experiências espirituais são apresentadas conforme sua atribuição original e não convertidas em prova científica de identidade espiritual.

As referências históricas servem ao controle de cronologia, contexto e plausibilidade. Os mapas são esquemas narrativos e não demonstram itinerários individuais. Os cometas de 1769 e 1807 são fatos astronômicos; sua contemplação pelos personagens pertence à reconstrução da narrativa.

4/1/67

Prezando amigo, velhas amigas nobres e fueridas, companheiras da nossa SERTE, digo da equipe que me liga a todos vocês esperando que alguns de nós que tudo sentimos e com grande luta, amor, força, humildade e amor. Nosso grupo foi formado já há longos anos, aqui na Terra, nesta continuidade da promoção no plano espiritual, não pode parar, não deve mais parar pois possuímos juntos os alvos que todos temos em vista, no compromisso do trabalho fraterno em prol do irmão necessitado! Sempre poderemos contar ao alto, cumprindo o longo dever se lutarmos unido, com precisão afim de que as forças não nos faltem. Nossos e celestíssimas fôrças amadurecidas no afã estamos muito, na espiritualidade, companheiras de lutas, de dores e de vitórias. Quando um, pode, quer dois, não briguem

pelo fato, fuizamos estar sem nãre vitalícia, levando a fogo aos que tem sede, derramndo amor onde a incompreensão ameaça.

Sei que podem falhar, bem-prováveis, trabalhando com intonia com o alto.

Sequid ordem não lacuna. procurar, mesmo trabalhar com ordem, produção e o nosso objetivo é e deve ser produção e o encontro do proximo! Oriente-se Jesus.

Julia, preciosa e muito divina, o grupo sempre atuará como uma cadeia.

O meu muito obrigado e o meu até já

A todos o meu fujo
Pelito: